

Aula 02

Verb Tenses

ESPECEX 2021

Teacher Andrea Belo

Sumário

Apresentação	3
2. Verb to be.....	4
1. Simple Present	7
2. Simple Past.....	9
3. Future: will x going to	12
4. Gerund	15
5. Present Continuous ou Present Progressive	18
6. Past Continuous ou Past Progressive	19
7. Present Perfect	20
8. Past Perfect	22
9. Future Perfect.....	24
10. Present Perfect Continuous.....	26
11. Past Perfect Continuous	28
12. Future Perfect Continuous	30
13. Modal verbs	32
<i>Verbo Modal CAN</i>	32
<i>Verbo Modal Could</i>	33
<i>Verbo Modal May</i>	33
<i>Verbo Modal Might</i>	34
<i>Verbo Modal Must</i>	34
<i>Verbos Modais Should/Ought to</i>	35
<i>Verbo Modal Shall</i>	36
<i>Verbos Modais Will e Would</i>	36
14. Imperative tense	37
15. Phrasal Verbs – introdução	39
16. Questão inédita	40
17. Questões de anos anteriores.....	42
18. Gabarito.....	50
19. Exercícios respondidos e comentados.....	51
18. Considerações finais.....	63
Referências bibliográficas	64
Traduções	66



Apresentação

Chegou a vez da nossa aula de verbos, uma das mais importantes de todo o material. Se você identifica o verbo e consegue entendê-lo no contexto em que ele aparece, os resultados são garantidos. E isso é muito importante. As interpretações são essenciais, é claro.

O vocabulário também. Mas os verbos são a “alma” da frase, eles apresentam as ideias do texto e nos levam ao assunto, ao tema, ao que de fato se tratam os textos. Vamos estudá-los!

Verbo é a classe de palavras que exprime ação, que indicam acontecimentos representados em um determinado tempo. Originada do latim, “verbum” significa, de fato, “palavra”.

Muitas pessoas acreditam que aprender as conjugações dos verbos seja complicado. Mas não é. Em primeiro lugar, os verbos são essenciais para ajudar na interpretação.

Quanto mais enraizadas são as regras verbais, mais naturalmente você as usará no dia da prova, extraíndo os verbos dos textos e demarcando-os, para realizar uma leitura global do texto em questão, encontrando as respostas procuradas.

E, saber os verbos, ajudará você a extrapolar o uso da língua inglesa na hora da prova, além de aumentar a possibilidade de aplicá-los nos contextos exigidos nos exercícios. Isso porque, ao testar o seu raciocínio e a sua capacidade de compreender textos em Inglês, os verbos e suas devidas conjugações, em cada tempo verbal, economizam seu tempo e direcionam a sua atenção ao que deve ser respondido.

Uma dica interessante é reconhecer o verbo assim que você ler cada frase do texto, seja qual for a forma que a leitura for apresentada.

O verbo vem logo após o sujeito, que executa a ação. Por exemplo, se a frase é “The doctors work at the hospital”, quem realiza a ação são os médicos (doctors) e a ação realizada é trabalhar (work), que é o nosso verbo. Certo?

Eis que estamos diante de uma classe de palavras que favorece você a construir seus pensamentos: os verbos, por excelência! Ao analisá-los, devido à importância que eles têm, estudaremos exemplos juntos, com suas peculiaridades e diferentes flexões, ampliando sua competência linguística e fazer bom uso do aprendizado em sua prova.

Vamos, então, passar por todos os tempos verbais, esclarecendo dúvidas e lembrando que, alguns tempos verbais são poucos explorados nas provas mas, vamos “passar por eles” rapidamente para que o conteúdo fique completo. E, podem “cair” em alguma oportunidade. Let’s go!



2. Verb to be

O verbo *to be* é aquele assunto que as pessoas definem como algo que se estuda a vida inteira e ainda assim não sabe ao certo como se usa.

É um verbo ensinado todas as vezes que se inicia um curso de Inglês e, por esse motivo, muita gente considera “chato” estudar Inglês para iniciantes.

O verbo *to be* tem sua importância e vou deixar claro como se usa e o porquê dessa importância. *To be* significa ser ou estar. Não existe uma regra para saber se, na frase, é ser ou estar, depende do contexto e a ideia sobre o que se refere.

Gosto de dizer que o *to be* não é um verbo difícil e sim exclusivo, já que pode ser usado em diferentes frases, tanto como verbo principal quanto como verbo auxiliar.



O que diferencia o *to be* dos demais verbos da língua inglesa, é que em todos os outros, utilizamos a raiz para fazer frases, o *to be* muda por inteiro.

Veja – verbo jogar (*to play*) *I play, You play* (Eu jogo, você joga) ou o verbo dançar (*to dance*) *I dance, you dance, they dance* (Eu danço, você dança, eles dançam) enquanto o verbo ser – Eu sou, ele é, eles são fica: *I am, he is, they are*, sem ao menos usar as letras “be” para iniciar as conjugações.

Você não vai dizer “*I be, you be, we be*”, como na maioria nos outros verbos, 99% deles são conjugados através da raiz, do radical.

Usado como verbo ser, as frases geralmente usam adjetivos (Eu sou alto/baixo – *I am tall/short*) ou para dizer a profissão (Ele é engenheiro – *He is an engineer*) entre outros exemplos.

O verbo *to be* como “estar” expressará sentidos de ação ou de se estar em algum lugar – *I am happy. She is in the supermarket* – Eu estou feliz. Ela está no supermercado.

Em todos os tempos verbais que você vai estudar aqui, terá a explicação, seguida das formas afirmativa, negativa e interrogativa, para que você compreenda melhor o uso dos verbos.

Nas frases afirmativas, o verbo *to be* é simples, conforme estudamos e, muitas vezes, somos obrigados a decorá-los (*I am, you are, he is, she is, it is, you are, we are, they are*).

O motivo pelo qual *you are* se repete é que as palavras “você” e “vocês”, em Inglês, são iguais: you. Assim, na conjugação, *you are* significa você é/você está e também vocês são/vocês estão dependendo do contexto.

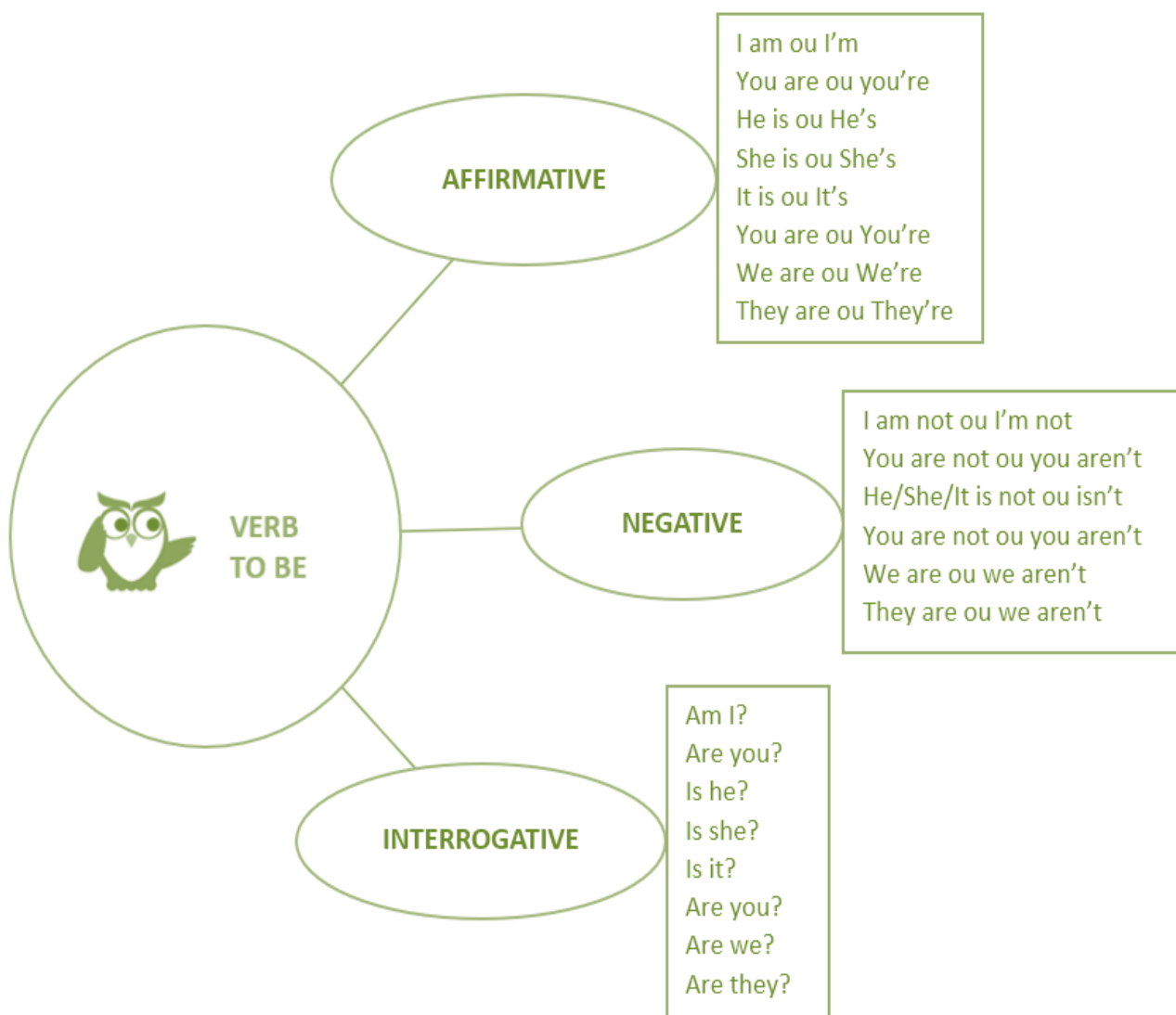
Na forma interrogativa em Inglês, o verbo *to be* se posiciona no início da frase, antes do sujeito. A conjugação fica: *Am I? Are you?, Is he?, Is she?, Is it?, Are you?, Are we?, Are they?*



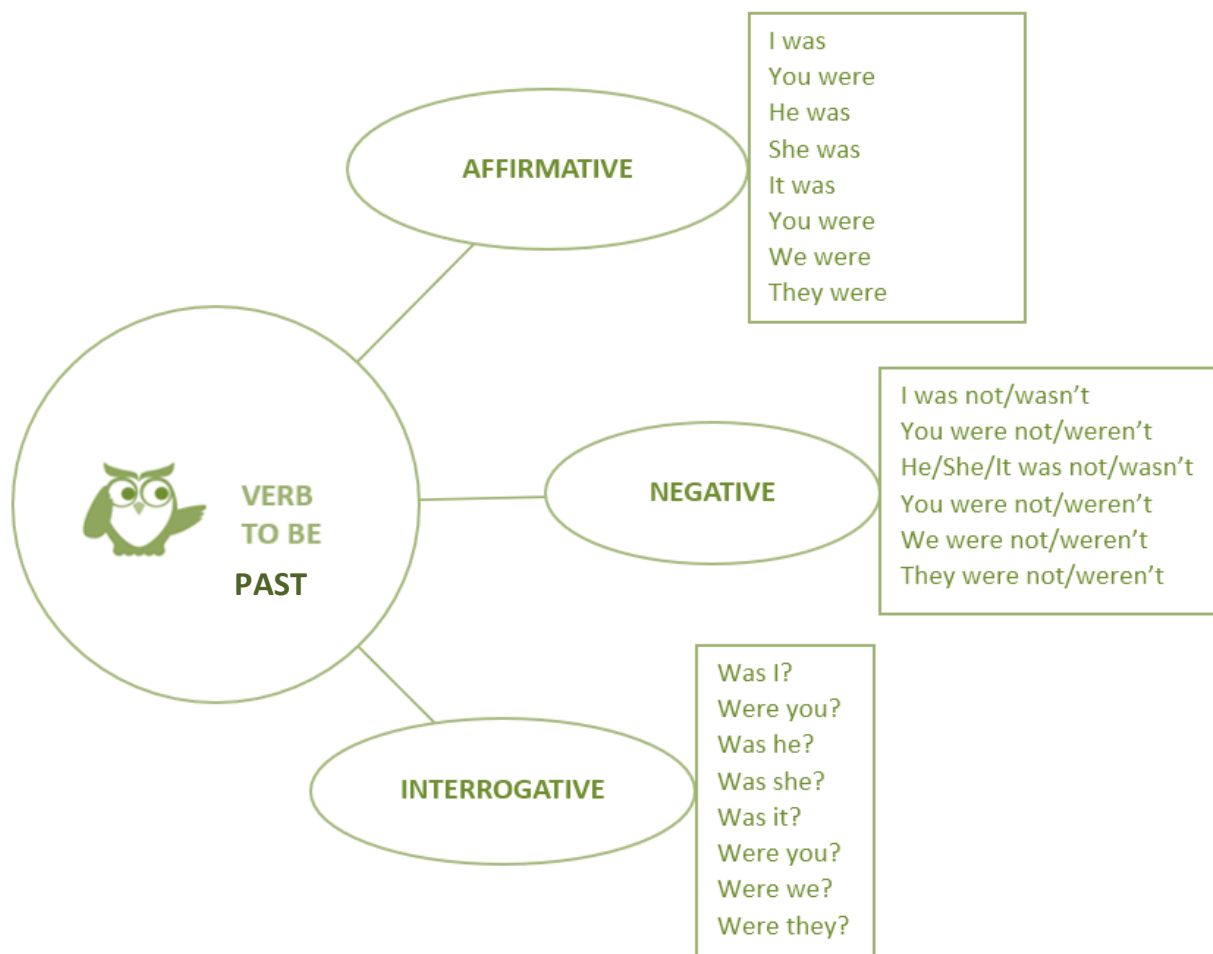
Na forma negativa, com a adição da partícula de negação “not” nos verbos, a conjugação fica: *I am not, you are not, he is not, she is not, it is not, you are not, we are not, they are not*. Se esses verbos aparecerem na forma abreviada, encontramos *I’m not, you aren’t, he isn’t, she isn’t, it isn’t, you aren’t, we aren’t, they aren’t*. E também há as formas no tempo passado do verbo *to be*.

Preparei um esquema para resumir as três formas do *TO BE* no presente e no passado – afirmativa, interrogativa e negativa – e, além do verbo *to be*, teremos os esquemas de todos os tempos verbais que vamos estudar em cada capítulo de sua aula.

Ficará melhor para você visualizar e saber ler e encontrar os verbos em suas leituras. Vejamos o *to be*:



Agora, o esquema no passado (Verb to be in the Past), assim como no presente, vejamos:



Para ler, interpretar e encontrar as respostas corretas, é necessário que você saiba, além do verbo *to be*, todo o conteúdo que vamos explorar no cronograma de estudos em nosso material. Cada aula será um complemento para a próxima.

E você também precisa estar atento às notícias do Brasil e do mundo, ler jornais, revistas, estar com seus estudos em dia e de forma constante.

Sempre digo que, ler textos das fontes usadas pela banca na hora de preparar as provas é um dos exercícios importantes a se fazer.

Uma vez preparado para interpretar a questão completa, você pode realizar as provas de qualquer instituição e se sair bem. Vamos à prática.

Vamos observar um texto que fez parte de uma questão das provas de Carreiras Militares, com a presença do verbo *to be* várias vezes no texto e, o verbo *to be* indicaria a resposta, dependendo da pergunta que aparecesse. Vejamos.

Agora, vamos estudar o tempo *Present Simple* e todos os outros tempos verbais necessários para resolver sua prova com mérito, contextualizando gramática e vocabulário. Come on!



1. Simple Present

Em Inglês, o *Simple Present*, tempo verbal Presente Simple, pode ser usado para expressar uma ação habitual, aquilo que fazemos com frequência, por exemplo: *I study every day* (Eu estudo todos os dias), *I sometimes watch TV* (Eu assisto TV às vezes), *I often use the computer*. (Eu uso o computador com frequência) etc.

Usamos o Present Simple também para exprimir verdades, fatos imutáveis: *Birds sing*. (Pássaros cantam), *Babies need their moms*. (Bebês precisam de suas mães) etc. Usamos esse tempo também para informar situações, opiniões, fatos em geral: *Technology grows day by day*. (A tecnologia cresce dia após dia), *I love music*. (Eu amo música) etc.

Temos que fazer um esclarecimento para facilitar o estudo de todos os tempos verbais. Você sabe por que, ao se falar do verbo que será usado em uma frase, tem a preposição “to” antes dele? Por exemplo, o sujeito *I*, o verbo to study e o complemento *very much*, formam a frase *I study very much* – Eu estudo muito, mas o “to” não aparece na frase.

Isso porque, o verbo em sua forma original, no infinitivo, ou seja, sem conjugação, está acompanhado da preposição “to” enquanto em uma frase, o verbo é conjugado e não usamos mais o “to” antes dele. Se você procurar no dicionário os verbos ler, escrever e trabalhar – to read, to write e to work. Mas, ao escrever as frases “Eu leio, Eu escrevo e Eu trabalho” fica: *I read, I write e I work*.

Temos três formas em todos os tempos verbais: afirmativa, negativa e interrogativa. Há dois auxiliares que acompanham as frases interrogativas no presente: *Do* e *Does*. Por exemplo, ao dizer “Você trabalha? ou “Ela trabalha?” em Português, apenas colocamos o ponto de interrogação no fim da frase. Na forma interrogativa em Inglês, precisamos adicionar “Do” no início da pergunta – *Do you work?* (Você trabalha?) e, para sujeitos no singular, classificados como terceira pessoa do singular (he/she/it), usamos “Does” – *Does she work?* (Ela trabalha?), demonstrando que as orações estão no tempo presente.

Na forma negativa, com a adição da partícula de negação “not” nos auxiliares, eles se tornam do not/don't e does not/doesn't, formas abreviadas ou não – *I don't work* (Eu não trabalho), *She does not work* ou *She doesn't work* (Ela não trabalha), *He does not work/He doesn't work* (Ele não trabalha).

Difícilmente você encontra a explicação da existência desses auxiliares. Vou esclarecer e justificar para você. É simples. Primeiro, os verbos em Inglês não tem terminações como em Português – Eu estudoo, tu estudas, ele estuda, nós estudamos, vós estudais, eles estudam – sendo apenas “study” para todos os sujeitos e acréscimo de -s, -es ou -ies para terceiras pessoas – *I study, you study, she/he/it studies, we study, they study*.

Segundo, se em Português dizemos “Ela estuda” e “Ela estuda?” igual, mudando apenas a entonação, como saberíamos o tempo da frase se não fosse demarcada pelos auxiliares *Do* e *Does* – Do you study? e Does she study? Faz sentido, não é mesmo?

E, nas negativas, enquanto em Português temos a presença do “não” em todas as frases – Eu não trabalho, você não trabalha, ela não trabalha etc tanto para presente quanto no passado ou futuro, veja:



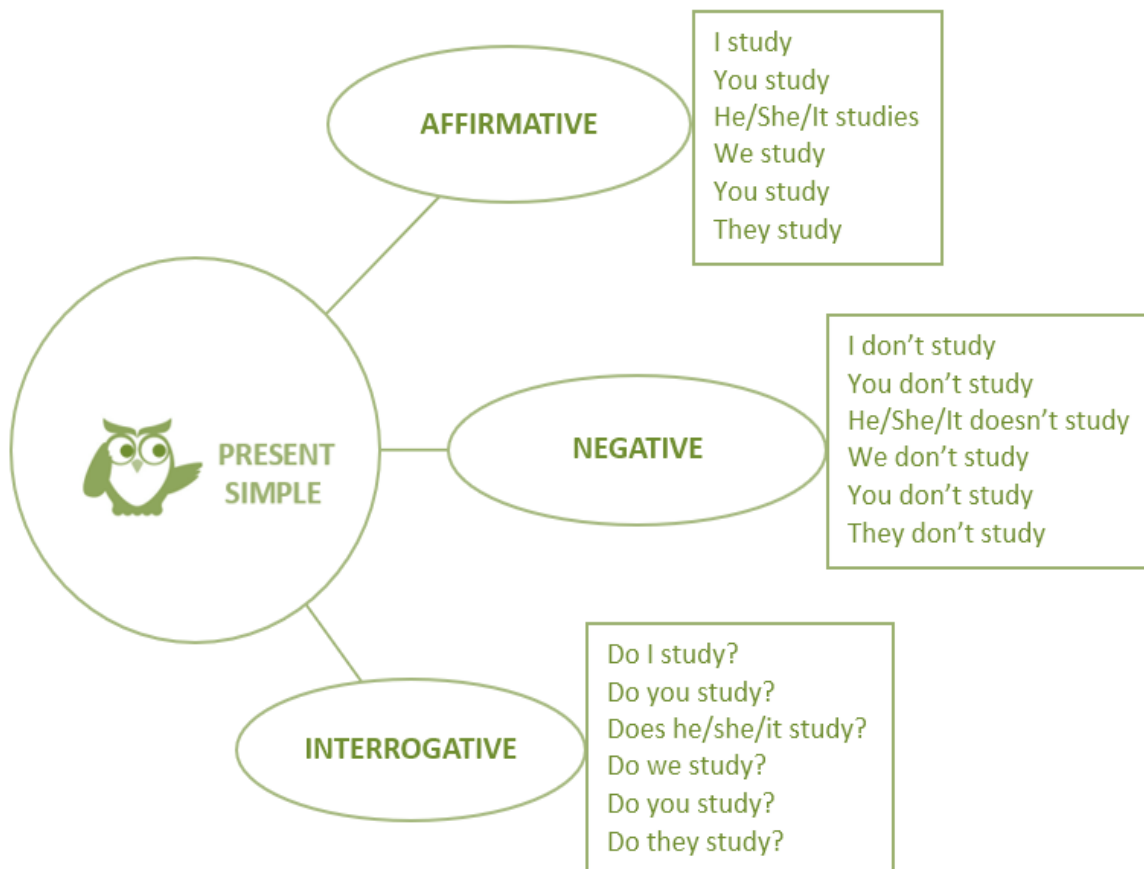
Exemplos: Eu não trabalhei, você não trabalhou, ele não trabalhará etc – como saberíamos o tempo se não houvesse os auxiliares *don't* e *doesn't* demonstrando presente? – *Do you work?* e *Does she work?* Entendeu? Got it?

As frases afirmativas são formadas por um sujeito, um verbo principal e o complemento, que pode ser onde, quando aconteceu, com quem, porque ou qualquer outra informação que alguém executou. Lembrando que, ao ser conjugado nas terceiras pessoas do singular (e/she/it), precisamos acrescentar “s”, “ies” ou “es”, exemplos: *I run. She runs.* (Eu corro. Ela corre.)

As frases interrogativas são formadas por um auxiliar (*Do* para sujeito no plural ou *Does* para sujeito no singular) no início da frase, um sujeito, um verbo principal e o complemento (onde, quando aconteceu, com quem, porque ou qualquer outra informação), exemplos: *Do you run? Does he run?* (Você corre? Ele corre?)

As frases negativas são formadas por um sujeito, auxiliar *don't* ou *doesn't*, um verbo principal e o complemento (onde, quando aconteceu, com quem, porque ou qualquer outra informação), exemplos: *I don't run. She doesn't run.* (Eu não corro. Ela não corre.)

Vejam, como exemplo, o verbo estudar – TO STUDY, conjugado em todas as pessoas do singular e plural nas três formas – afirmativa, negativa e interrogativa no Present Simple:



Agora, vamos aos estudos do tempo *Past Simple* e suas particularidades.

2. Simple Past

Em Inglês, o *Simple Past*, tempo verbal Passado Simples, é usado para demonstrar uma ação que já aconteceu e ficou no passado, tal como um jogo que acabou, um evento que passou ou alguém que chegou, por exemplo.

Por isso, as frases no passado simples são geralmente acompanhadas de uma expressão de tempo definida como *yesterday*, que significa ontem – *I worked yesterday* (Eu trabalhei ontem).

Para narrar ações que já ocorreram, além de *yesterday*, outras expressões mais comuns que indicam o passado são: “*last*” - *last night*, *last Sunday*, *last week* (noite passada, domingo passado, semana passada).

Outro termo é o “*ago*” – *two years ago*, *ten minutes ago* (dois anos atrás, dez minutos atrás) etc.

É importante salientar que, a palavra “*atrás*” é usada no tempo passado demonstrando justamente o tempo. Se fosse a preposição “*atrás*”, apontando o lugar seria “*behind*” (*He is behind me* – Ele está atrás de mim), ok?

Estudaremos sobre isso na aula de preposições.

Temos também as três formas, como nos demais tempos verbais: afirmativa, negativa e interrogativa.

Há apenas um auxiliar que acompanha as frases interrogativas e negativas: *did/didn't*.

Por exemplo, ao dizer “Você trabalhou?”, adicionarmos “*Did*” no início da pergunta – *Did you work?* para qualquer sujeito.

E usamos, em frases negativas: *did not/didn't*, forma abreviada ou não – *I didn't work* (Eu não trabalhei), *She did not work* ou *She didn't work* (Ela não trabalhou) etc.

Perceba que o verbo volta à sua forma original “*work*” tanto na forma interrogativa quanto negativa e, só apresenta terminações ou diferenças em sua escrita na forma afirmativa.

A explicação da existência do auxiliar *did* também não é justificada e sim vista como obrigatória no tempo passado.

Mas, assim como no presente, os verbos em Inglês não tem terminações como em Português – Eu trabalhei, tu trabalhou, ele trabalhou, nós trabalhamos, vós trabalhastes, eles trabalharam – sendo apenas “*worked*” para todos os sujeitos e acréscimo de -ed, para qualquer sujeito quando o verbo for regular – *I worked, you worked, she/he/it worked, we worked, they worked*.

Explicarei, em seguida, o que acontece quando os verbos são irregulares. Felizmente, são minoria e isso colabora com seus estudos.



Verbos regulares são aqueles em que cujas terminações no tempo *Past Simple* apenas sofrem o acréscimo das partículas “d” e “ed” na maioria dos verbos – *She danced rock* (Ela dançou rock – verbo *to dance* – jogar).

Se o verbo terminar em vogal + a letra “y”, recebem “ed” – *He played baseball* (Ele jogou beisebol). Mas, se terminar em consoante + a letra “y”, troca-se o “y” por “ied” – *She cried yesterday*. (Ela chorou ontem – verbo *to cry* – chorar).

Caso o verbo termine com a sequência consoante/vogal/consoante, se dobra a última consoante e também acrescenta “ed” – *I preferred the blue pen*. (Eu preferi a caneta azul – verbo *to prefer* – preferir).

Se o verbo terminar com a vogal “e”, simplesmente recebe “d” – *He arrived yesterday*. (Ele chegou ontem – verbo *to arrive* – chegar).

Verbos irregulares são aqueles em que as conjugações no tempo *Past Simple* sofrem diversas alterações, como mudança das letras (por exemplo o verbo *to write* – escrever – se torna *wrote*), acréscimo de letras (por exemplo o verbo *to hear* – ouvir – se transforma em *heard*), entre outras modificações que acontecem.

Alguns verbos mudam completamente, como é o caso do verbo *to buy* – comprar – se transforma em *bought* e o verbo *to be* – ser/estar – que se transforma em *was/were* para singular e plural.

Por causa dessas transformações nos verbos irregulares, muitas pessoas acreditam que eles sejam difíceis ou complicados.

E, na verdade, não há nada de complicado nisso.

Com o uso dos verbos irregulares nos exercícios diversos, eles vão se tornando familiares para você.

E não podemos esquecer que a quantidade de verbos irregulares é bem menor que os regulares.

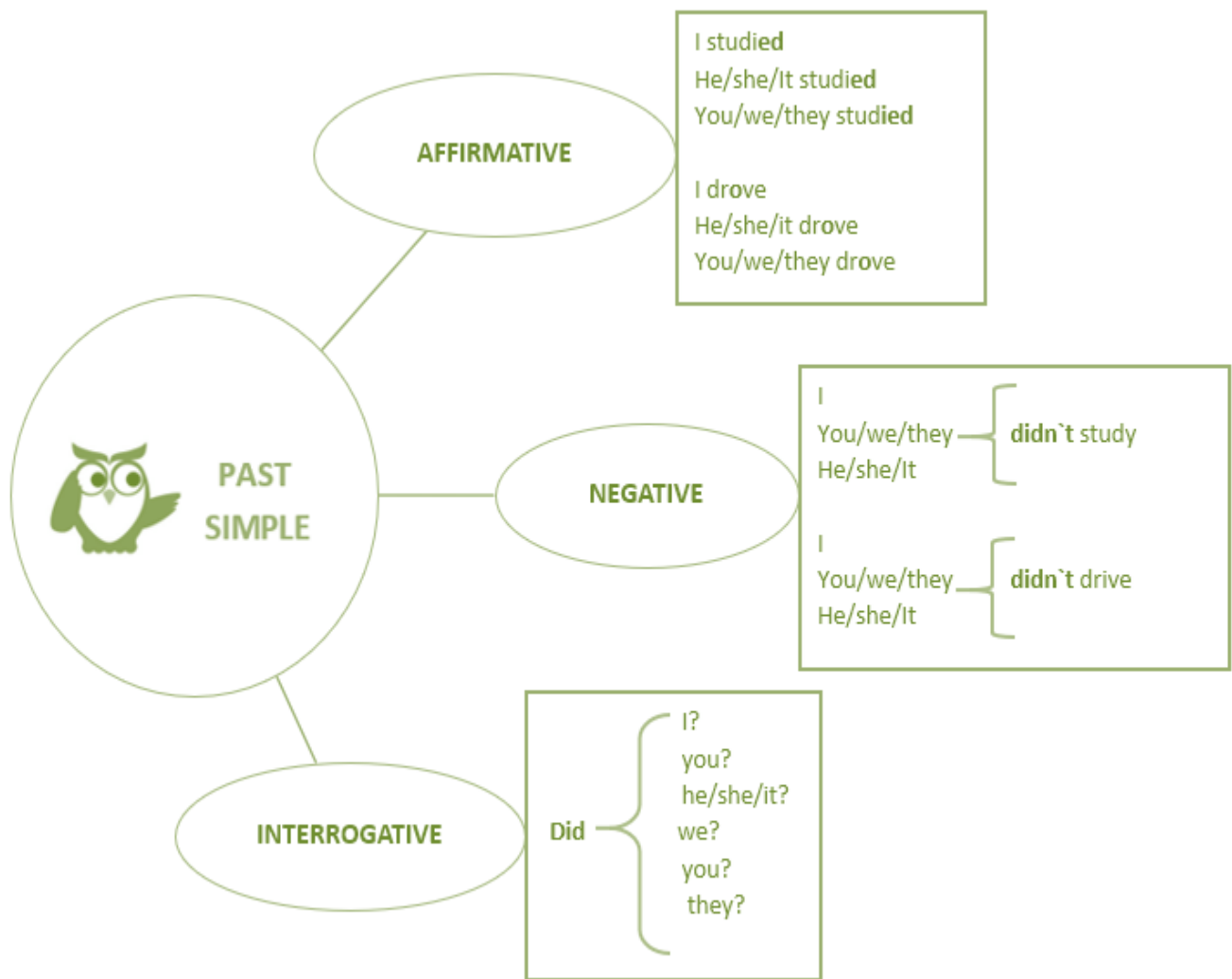
Como eu já havia dito antes, 90% são os mais fáceis, com *-ed* acrescentado no final deles.

Os verbos diferentes que passam por diversificações, além de ser apenas 10% da língua inglesa, se repetem nos exercícios de provas de anos anteriores.

E, quanto mais questões você resolver e se dedicar aos estudos com leituras complementares e muito esforço, passará a conhecê-los e se sentirá confiante com o passar do tempo.

Vejamos exemplos do verbo *TO STUDY*, conjugado nas três formas – afirmativa, negativa e interrogativa no tempo *Past Simple*:





O esquema ajuda a compreender melhor e memorizar cada estrutura, os auxiliares e, conseqüentemente, lembrar das formas afirmativas, negativas e interrogativas quando aparecer nas frases dos textos no dia da prova.

Vamos testar seus conhecimentos de tempo futuro agora. Let's go!



3. Future: will x going to

Quando se fala no tempo futuro, em Inglês, muitas pessoas dizem: futuro é “will” ou então “going to”. E as perguntas sobre a diferença entre *will* e *going to* são frequentes.

As gramáticas, de uma forma geral, conseguem, incrivelmente, complicar estruturas tão simples! Vamos simplificar e entender como pode ser simples, de fato.

Portanto, você vai aprender o uso de *will* e *going to* de um modo prático para acertar as questões que envolvem o tempo futuro conectado com um vasto vocabulário e, com certeza, outros tempos verbais, que estão sendo aprendidos aos poucos.

As frases com o auxiliar “will” são imediatas pois, colocando-se *will* antes do verbo, pronto – transformou a ideia de presente em futuro, veja: – *I will work* (Eu trabalharei), *She will dance* (Ela dançará). *They will study* (Eles estudarão).

Mas, se comparado ao “going to”, a dúvida é como usar um outro no tempo futuro em inglês. Vamos esclarecer isso.



Usamos “will” quando vamos expressar algo no futuro indicando uma certa incerteza e, muitas vezes, as frases em que o “will” é bem aplicado, encontramos algumas expressões comuns no tempo futuro, tais como *I think* (eu acho que...), *probably* (provavelmente), *I guess* (eu acho) *maybe* (talvez).

Há outras, mas com essas são mais comuns em frases indicativas de futuro nas provas. Vejamos exemplos com “will” e as expressões expostas acima.

Para ficar claro, vamos citar exemplos tais como “Eu provavelmente viajarei em dezembro” – *I will probably travel in December.*

Outro exemplo: “Ela talvez viajará nas férias” – *She will maybe travel on vacation.* Se você tem quase certeza do que vai fazer, se já planejou algo – não é uma regra seguida 100% das vezes – mas é melhor usar o “going to”, como na frase “Planejei a viagem, vou no próximo sábado.” – *I planned the trip. I am going next Saturday.*

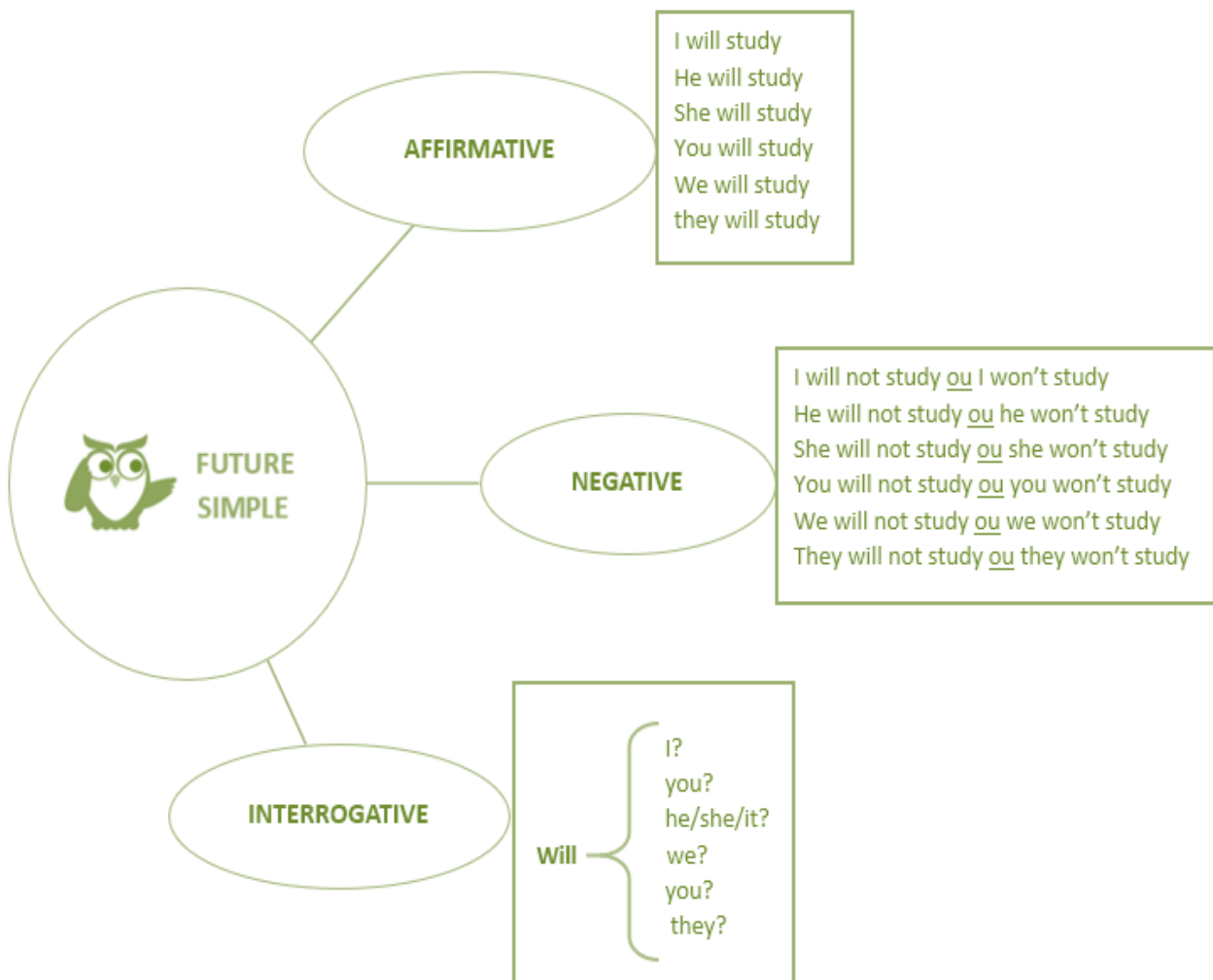
As frases afirmativas são formadas por um sujeito, o auxiliar *will*, um verbo principal e o complemento - “Ela vai dançar amanhã cedo” – *She will dance tomorrow in the morning.*

As frases interrogativas são formadas pelo auxiliar *will* no início da frase, um sujeito, um verbo principal e o complemento (onde, quando aconteceu, com quem, porque ou qualquer outra informação), exemplos: *Will you run? Will he run?* (Você vai correr? Ele vai correr?)

As frases negativas são formadas por um sujeito, auxiliar *will not* ou abreviado *won't*, um verbo principal e o complemento (onde, quando aconteceu, com quem, porque ou qualquer outra informação), exemplos: *I won't run. She won't run.* (Eu não correrei. Ela não correrá.)



Vejamos exemplos do verbo TO STUDY, conjugado no futuro simples com WILL no “esquema” em todas as formas – afirmativa, negativa e interrogativa para fixar melhor.



Por sua vez, o *going to* é usado para expressar algo no futuro indicando uma certeza, planos fixos, já definidos, por exemplo: *I'm going to marry in 2021* – Eu vou me casar em 2021.

Nessa frase, a pessoa afirmou que vai se casar no ano de 2021 porque certamente já planejou o casamento, marcou a data no cartório, preparou-se financeiramente para a festa e outros elementos necessários para esse evento.

Quando fazemos uma previsão como um palpite, também é aconselhado o uso do *going to*, por exemplo: *It's going to be an excellent year for me* – Vai ser um excelente ano para mim.

As frases afirmativas são formadas por um sujeito, o verbo *to be* como auxiliar de cada sujeito (I am, you are, he is, she is, it is, we are, they are), o verbo principal e o complemento – “*She is going to dance tomorrow. It is the Christmas school presentation.* Ela vai dançar amanhã. É a apresentação natalina na escola.”

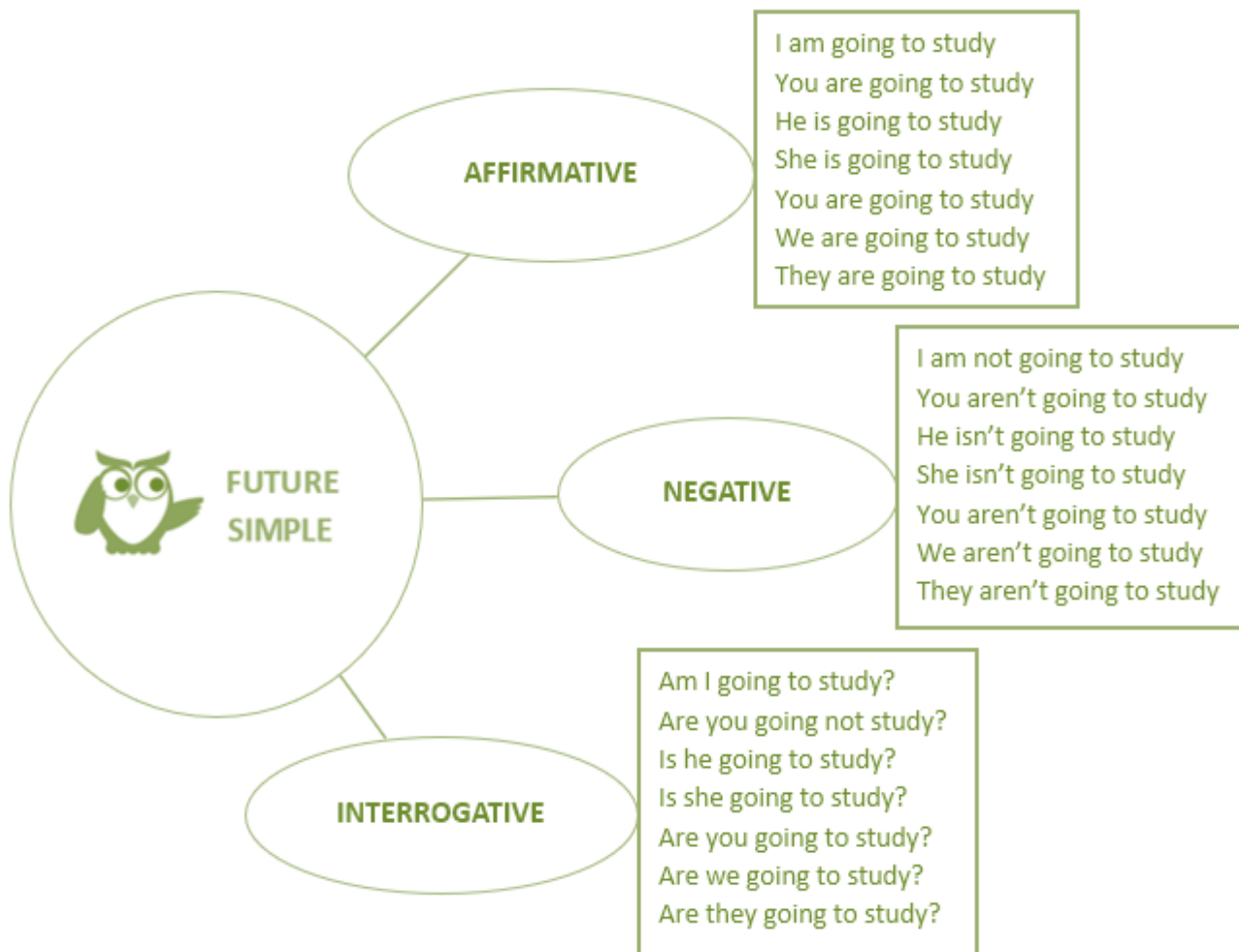


Percebemos que a pessoa que vai se apresentar foi ou está sendo preparada para o evento que vai acontecer, houve um planejamento e, apresentações natalinas, acontecem todos os anos nas escolas, algo que se realiza nas escolas no mês de dezembro.

Nas frases interrogativas, o verbo *to be* vai para a começo da pergunta. Em seguida, temos um sujeito, o verbo principal e o complemento – *Is she going to dance at Christmas school presentation tomorrow?* Ela vai dançar na apresentação natalina da escola amanhã? sendo que a pergunta provavelmente foi feita com a certeza da resposta que sim, apenas para confirmar por causa do uso do *going to*.

As frases negativas são formadas por um sujeito, o verbo *to be* seguido do *not*, o verbo principal e o complemento – *“She is not going to dance tomorrow/ She isn’t going to dance tomorrow. They are not going to travel – Eles não vão viajar.* Assim, as formas abreviadas são: *is not = isn’t* (para terceiras pessoas do singular) e *are not = aren’t* (para plural em geral).

Vejamos exemplos do verbo *TO STUDY*, conjugado no futuro com *GOING TO*, em forma de “esquema” em todas as formas – afirmativa, negativa e interrogativa para você fixar melhor.



Agora, estudaremos o gerúndio em nossa aula. Esse tempo verbal é muito importante na construção de outras estruturas em que são necessários, tais como o gerúndio nos tempos da vertente *Continuous (Present e Past Continuous)*. Let's go!



4. Gerund

Em Inglês, o gerúndio é um pouco diferente do que conhecemos em Português. Faz parte de estruturas em que agregamos a partícula *-ing* no fim dos verbos.

Porém, com algumas exceções que trataremos aqui.

Gerúndio, de um modo geral, pode ser definido com algo que transmite a ideia de ações prolongadas ou ações ainda em desenvolvimento.

O gerúndio pode, por exemplo, transformar o verbo em substantivo, pode atuar como sujeito, como predicado, e, na maioria das vezes, é usado para complementar verbos.

O gerúndio foi inserido nesse capítulo antes dos demais tempos verbais justamente porque agora estudaremos o *Present* e o *Past Continuous*, cujas estruturas utilizam o gerúndio, além do verbo *to be*, já estudado em nosso material.



Attention!

Vejam algumas regras ortográficas que precisam ser observadas ao acrescentar *-ing* aos verbos. O gerúndio será sempre utilizado após preposições, por exemplo:

“*I have chances of being promoted in this company*” (Eu tenho chances de ser promovido nessa empresa).

Outro exemplo: *Margareth has her reasons for behaving different* - Margareth tem seus motivos para comportar-se diferente.

Também usamos o gerúndio os verbos *to go* – ir e *to come* – vir, quando fizerem referência à atividades físicas, tais como:

- *go fishing, go bowling, go swimming, go skiing, go riding, go jogging, go shopping, go hiking, go boating*

Veja perguntas:

“ – *I go **swimming** every Saturday* “(Eu nado todos os sábados), “*Will you come **fishing** with me?*” (Você virá pescar comigo?) e *I don’t want to go **bowling** tonight* (Eu não quero ir ao boliche essa noite, por exemplo).

A palavra *swimming*, no exemplo acima, se refere ao verbo nadar e significa, de fato, nadar.

Mas, há também os casos em que os verbos com *-ing* no final, serão substantivos.

Por exemplo: *Swimming helps me to relax* (Nadar me ajuda a relaxar, como se fosse a natação, o ato de nadar) e *Reading is very important to the students* (Ler é muito importante para os alunos, como se fossem as leituras, o ato de ler importante).

As palavras nos exemplos com *-ing*, na verdade, tornaram-se sujeitos e não verbos.



Há casos em que os verbos, necessitam *-ing* quando há duas ações, ou seja, dois verbos em uma só frase.

São esses os exemplos:

“to admit, to avoid, to appreciate, to consider, to continue, to delay, to detest, to deny, to dislike, to enjoy, to escape, to finish, to forgive, to imagine, to include, to keep, to mention, to miss, to practice, to recommend, to resist, to risk, to suggest, to try, to understand e to quit.”

Esses verbos, quando inseridos em frases, necessitam que o segundo verbo, logo após deles, tenham o acréscimo de *-ing*.

Com exercícios e muita prática em seus estudos, isso ficará fácil e natural para você.

Veja alguns exemplos: *I admit getting angry sometimes* (Eu admito que fico nervoso às vezes), *I enjoy studying English* (Eu gosto de estudar Inglês) e *They deny doing that* (Eles negam que fizeram aquilo).

Existe uma regra em que os verbos terminados pela letra “e”, perdem o “e”, ao usar *-ing*.

São exemplos os verbos *to drive* (dirigir) e *to save* (economizar), *She is driving now* (Ela está dirigindo agora) e *He is saving money for his future* (Ele está economizando dinheiro para o seu futuro).

Após algumas expressões em Inglês, precisamos usar o *-ing* como regra também.

São elas:

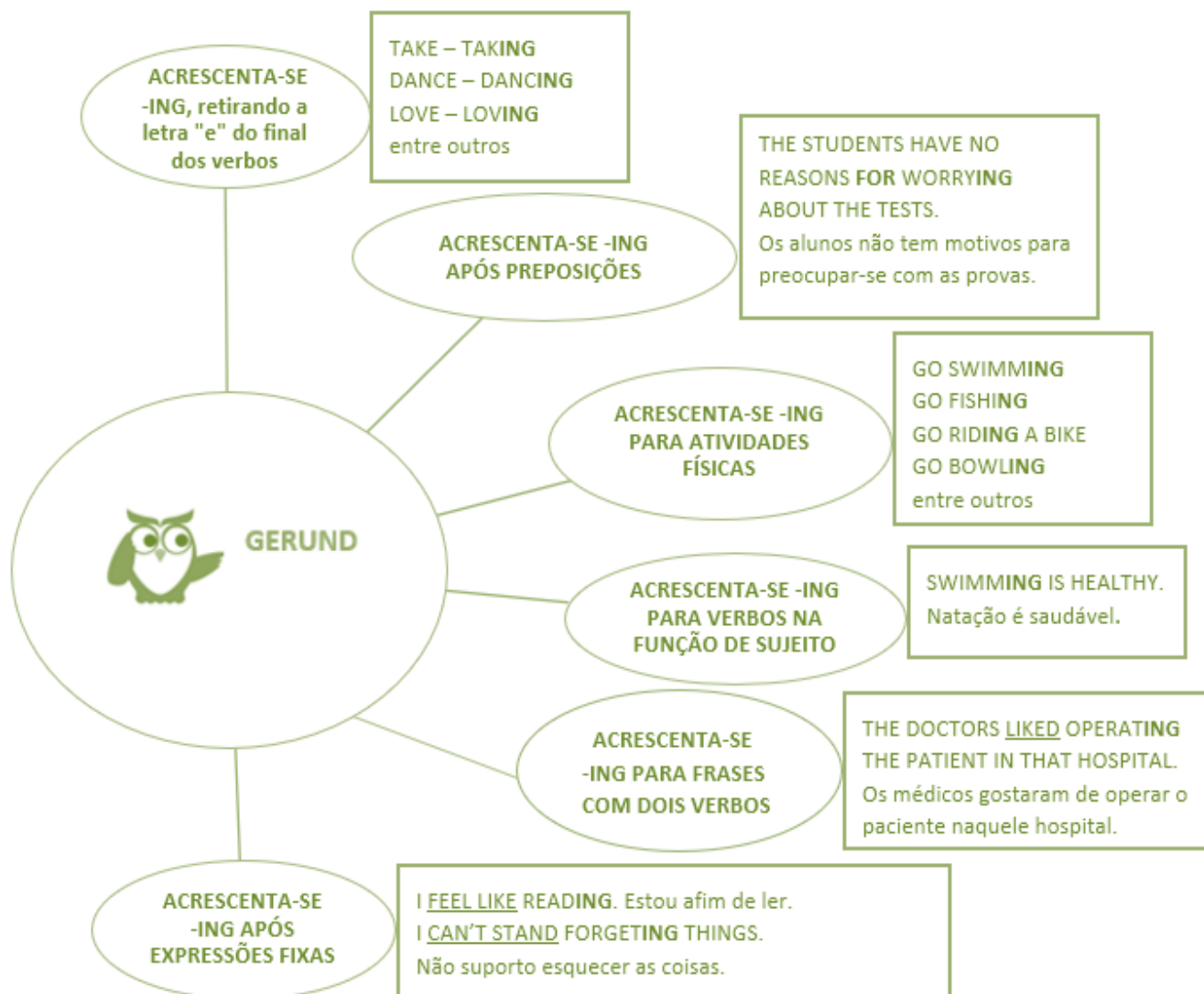
“can’t stand, it’s worth, be used to, can’t help, feel like, it’s no good, look forward to, what about, how about, it’s no use, in spite of.”

Vejamos exemplos:

“I can’t help laughing now” (Não consigo não rir agora), *“I can’t stand explaining you something thousands of times”* (Não aguento explicar a você a mesma coisa mil vezes) e *“It’s worth visiting that museum”* (Vale a pena visitar aquele museu).

Vejamos exemplos de alguns verbos, em forma de “esquema” no Gerúndio, conforme as regras e exemplos de como melhor usar, de acordo com a teoria e explicações estudadas.





Agora, estudaremos os tempos verbais da vertente *Continuous* (*Present e também past Continuous*), que usam o gerúndio em suas estruturas para a elaboração de frases nas formas afirmativa, negativa e interrogativa.

Assim, já ficará mais simples para compreender tais tempos verbais. Vamos lá!



5. Present Continuous ou Present Progressive

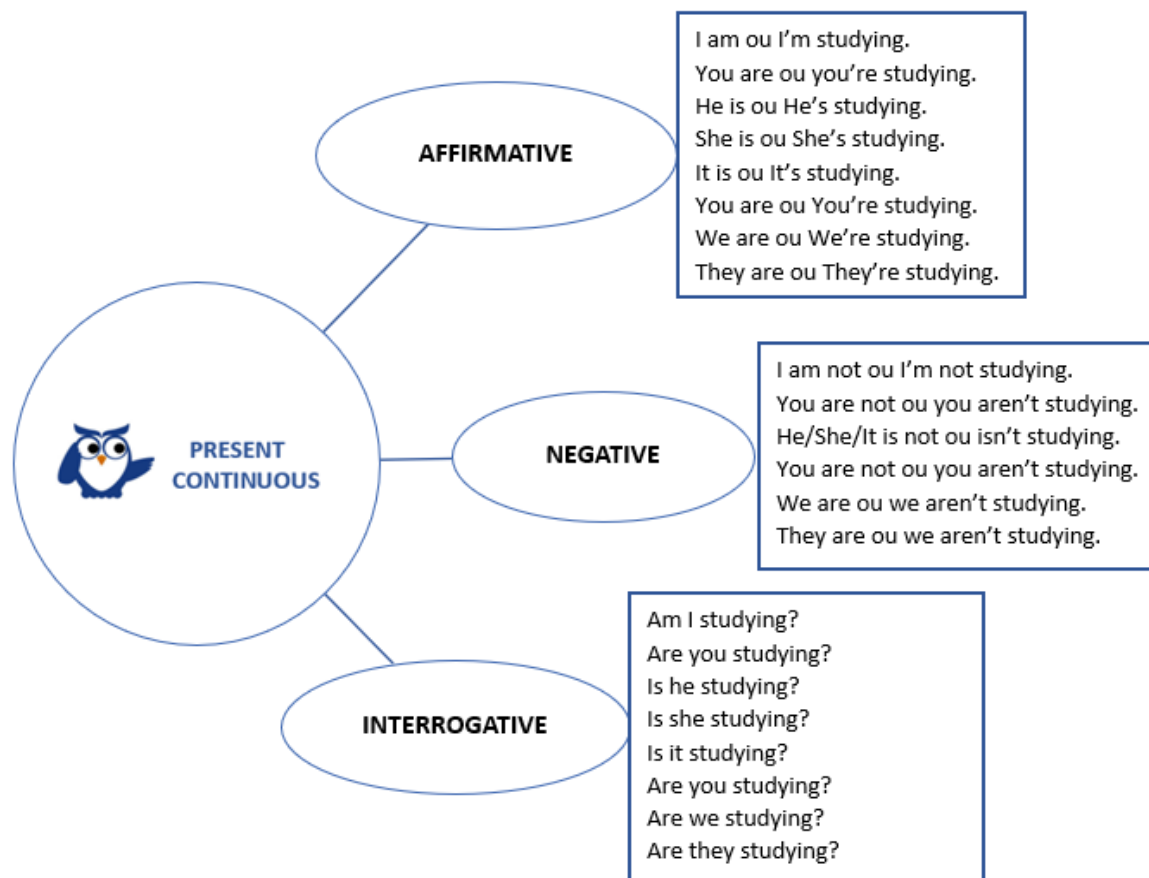
Em continuação ao assunto gerúndio e o uso do -ing nos verbos, vamos falar do *Present Continuous* ou *Present Progressive*, pois esse tempo verbal é conhecido nessas duas denominações.

O que você precisa saber, essencialmente, é que este tempo verbal é formado pelo verbo to be e outro verbo, no caso, o verbo principal da frase. Isto significa que se você souber conjugar o verbo *to be* e também souber o gerúndio dos verbos, a estrutura do *Present Continuous* está formada.

As frases afirmativas são formadas por um sujeito, o verbo *to be* na afirmativa, o verbo principal e o complemento - “Ela está estudando agora.” – *She is studying now*. Outros exemplos: *He is working at this moment*. (*Ele está trabalhando nesse momento*), *They are reading a magazine*. (Eles estão lendo uma revista).

As frases interrogativas são formadas pelo o verbo *to be* na forma afirmativa no início da frase, o verbo principal e o complemento – “Ela está estudando agora?” – *Is he working at this moment?* (*Ele está trabalhando nesse momento?*) e as frases negativas são formadas por um sujeito, o verbo *to be* na forma negativa, o verbo principal e o complemento - “Ela não está estudando agora.” – *She is not/isn’t studying now*.

Vejamos exemplos do verbo TO STUDY, no *Present Continuous*, em nosso “esquema”:



Vamos agora ao estudo do *Past Continuous*.



6. Past Continuous ou Past Progressive

Falar do *Past Continuous*, também é o mesmo que falar de *Past Progressive*, pois esse tempo verbal é conhecido nas duas formas.

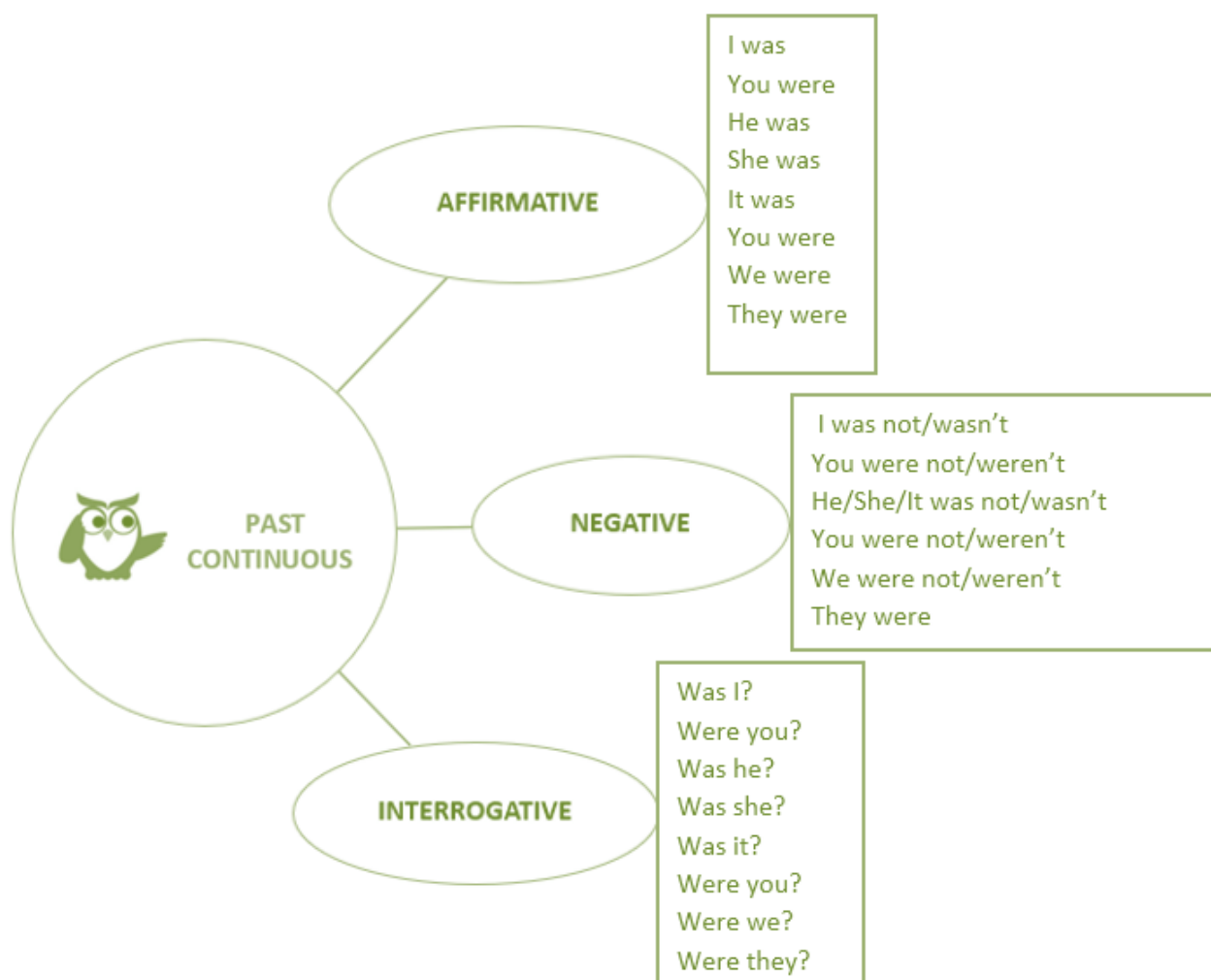
O que você precisa saber, essencialmente, é que este tempo verbal é formado pelo verbo to be, desta vez conjugado no passado e outro verbo, a ação principal da frase.

Mais uma vez, se você souber conjugar o verbo *to be* no passado e também souber o gerúndio dos verbos, a estrutura do *Past Continuous* está formada.

As frases afirmativas são formadas por um sujeito, o verbo *to be* no passado, na forma afirmativa, o verbo principal e o complemento - “Ela estava estudando.” – *She was studying*.

As frases interrogativas são formadas pelo o verbo *to be* no passado e na forma afirmativa no início da frase, o verbo principal e o complemento – “Ela estava estudando?” – *Was she working?* e *Were they reading a magazine?* (Eles estavam lendo uma revista?).

As frases negativas são formadas por um sujeito, o verbo *to be* no passado e na forma negativa, o verbo principal e o complemento - “Ela não estava estudando.” – *She was not/ wasn’t studying*. Vejamos nosso “esquema”, com o verbo *TO STUDY*, conjugado no *Past Continuous*.



Agora, estudaremos um tempo verbal muito importante,: o *Present Perfect*.



7. Present Perfect

O *Present Perfect* é considerado difícil, é visto como algo complexo mas, basta entender a maneira certa de usá-lo e encontrá-lo nas frases, que ele se torna mais simples do que parece.

Vou mostrar, na minha forma de ensinar, como pode ser descomplicado, ok?

Present Perfect é um tempo verbal que descreve uma ação em que estão conectados o passado e o presente. Ou seja, o *Present Perfect* conta fatos que ocorreram em um tempo indefinido do passado e ainda não foram concluídos.

Em Português, não temos um tempo que corresponda a esse. E, por isso, ao invés de dizer “Tenho estudado para essa prova desde 2017”, as pessoas dizem “Eu estudo para essa prova desde 2017”, usando o presente para contar algo que já começou e ainda acontece, diferente em Inglês, que o tempo verbal desse capítulo faz esse papel.

Por esse motivo, o *Present Perfect* é, muitas vezes, julgado e considerado um tempo verbal complicado, difícil de aprender. Mas, como eu disse, ao compreender o uso certo, ficará simples.

Vejam algumas regras de uso correto do *Present Perfect*. Em primeiro lugar, ações que “vêm acontecendo recentemente”, por exemplo: *I have been sad recently* (Ando triste recentemente/ Tenho estado triste recentemente) ou *They have run every day at the park* (Eles correm todos os dias no parque/Eles têm corrido todos os dias no parque).

Outro uso do *Present Perfect*: ações que acabaram de acontecer - *We have just finished our work*. (Nós acabamos de terminar nosso trabalho) e *She has just looked that magazine*. (Ela acabou de olhar aquela revista).

E, uma das formas mais comuns de se encontrar o *Present Perfect* é quando algo aconteceu em um momento indefinido, como: *You have played video game for a long time*. (Você joga/tem jogado vídeo game por muito tempo) e *I have helped you a lot*. (Eu ajudo/tenho ajudado você bastante).

As frases afirmativas têm a seguinte estrutura: um sujeito, um verbo auxiliar *have/has* (terceiras pessoas do singular) e o verbo principal no particípio passado - *She has studied* “Ela tem estudado”, *They have worked very much*. (Eles têm trabalhado muito).

Para verbos regulares, o particípio passado apenas acrescenta *-ed*, assim como no *Past Simple* de verbos regulares. É igual. E isso é ótimo porque facilita bastante na hora da prova.

Se, por sua vez, o verbo for irregular, o particípio não segue nenhuma regra, sendo geralmente feita troca de letras ou acréscimo de *-en* no final deles, como por exemplo *to write* (escrever), que no passado é *wrote*, no particípio fica *written* para qualquer sujeito.

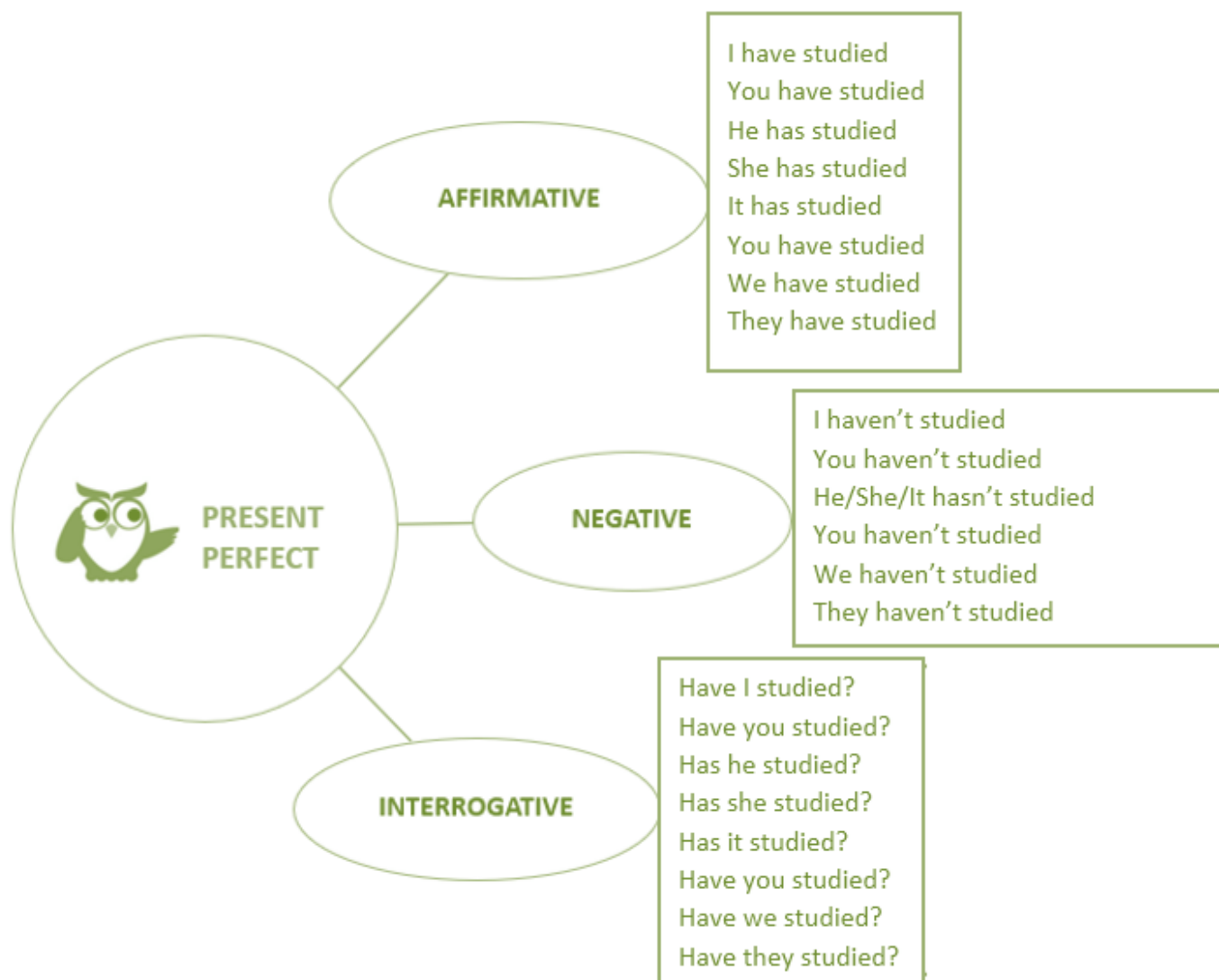
Pelo menos isso, não é? Veja: *He has eaten a lot these days* – Ele tem comido muito esses dias. O verbo *to eat* (comer), que no passado fica *ate*, por ser irregular, no particípio, muda para *eaten* mas o usamos para todos os sujeitos, assim como os regulares.



As frases interrogativas são formadas pelo verbo auxiliar *have/has* no início das perguntas, um sujeito e o verbo principal no particípio - *Has she studied* “Ela tem estudado?”, *Have they worked very much?* (*Eles têm trabalhado muito?*). Aqui também, usa-se o mesmo verbo para todos os sujeitos.

As frases negativas são formadas por um sujeito, um verbo auxiliar *have/has* na forma negativa *has not/hasn't* e *have not/haven't* e o verbo principal no particípio - *She hasn't studied* “Ela não tem estudado”, *They haven't worked very much.* (*Eles não têm trabalhado muito*).

Vejamos nosso “esquema”, com o verbo *TO STUDY*, conjugado no Present Perfect:



Agora, estudaremos o *Past Perfect* em nossa aula. Esse tempo verbal também é geralmente dito como sendo complicado por fazer parte dos tempos de denominação “*Perfect*”.

E você verá que é simples e depois vamos exercitar com muitas questões com esses tempos verbais dentro dos textos. Basta compreender as regras e como usá-los.

8. Past Perfect

O *Past Perfect* é um tempo verbal que descreve uma ação no passado, que ocorreu antes de outra. Como assim? Bom, o *Past Perfect* conta fatos correlacionados com outros que aconteceram.

É simplesmente dizer o que houve em decorrência de outro fator, como por exemplo: “Fui promovido porque vendi/tive vendido muito esse mês – *I got the promotion because I had sold a lot this month*. Ser promovido só aconteceu porque a pessoa vendeu muito, antes de receber a promoção.

Então, “vender muito” foi expresso, no *Past Perfect*, como a ação anterior ao ganho da promoção (*had sold = got the promotion*), certo?

Assim como o *Present Perfect*, o *Past Perfect* tem suas regras de uso e facilitará para você encontrá-lo nos textos e entender por que foi usado naquele momento.

Em primeiro lugar, ações que aconteceram por causa de outras, como vimos no parágrafo anterior. Então, para ficar claro, veja: O criminoso fugiu. Então, a polícia chegou. A polícia só chegou depois que o criminoso fugiu. Logo, o fato de a polícia chegar será expresso no *Past Simple* enquanto, o criminoso fugir, que aconteceu antes, estará no *Past Perfect*: *The criminal had run away when the police arrived*. (*to run away = fugir/to arrive = chegar*).

Usamos *Past Perfect* para fatos que “tinham/haviam acabado” de acontecer, com o uso do advérbio *just*, como também vimos no *Present Perfect* - *We had just left when you called*. (Nós tínhamos acabado de partir quando você ligou).

E, outros advérbios que encontramos no *Past Perfect* são: *already, when, by the time, never, ever, before, after*, para enfatizar a ideia de que a ação estava totalmente acabada antes da que será descrita: *She had already decided not to go*. (Ela já tinha decidido-- não ir.) e *I asked my friend if he had ever gone to London*. (Perguntei ao meu amigo se ele já tinha ido em Londres).

As frases afirmativas têm a seguinte estrutura: um sujeito, o verbo auxiliar *had* (para todos os sujeitos) e o verbo principal no particípio passado - *She had studied* “Ela tinha estudado”, *They had worked very much*. (*Eles tinham trabalhado muito*).

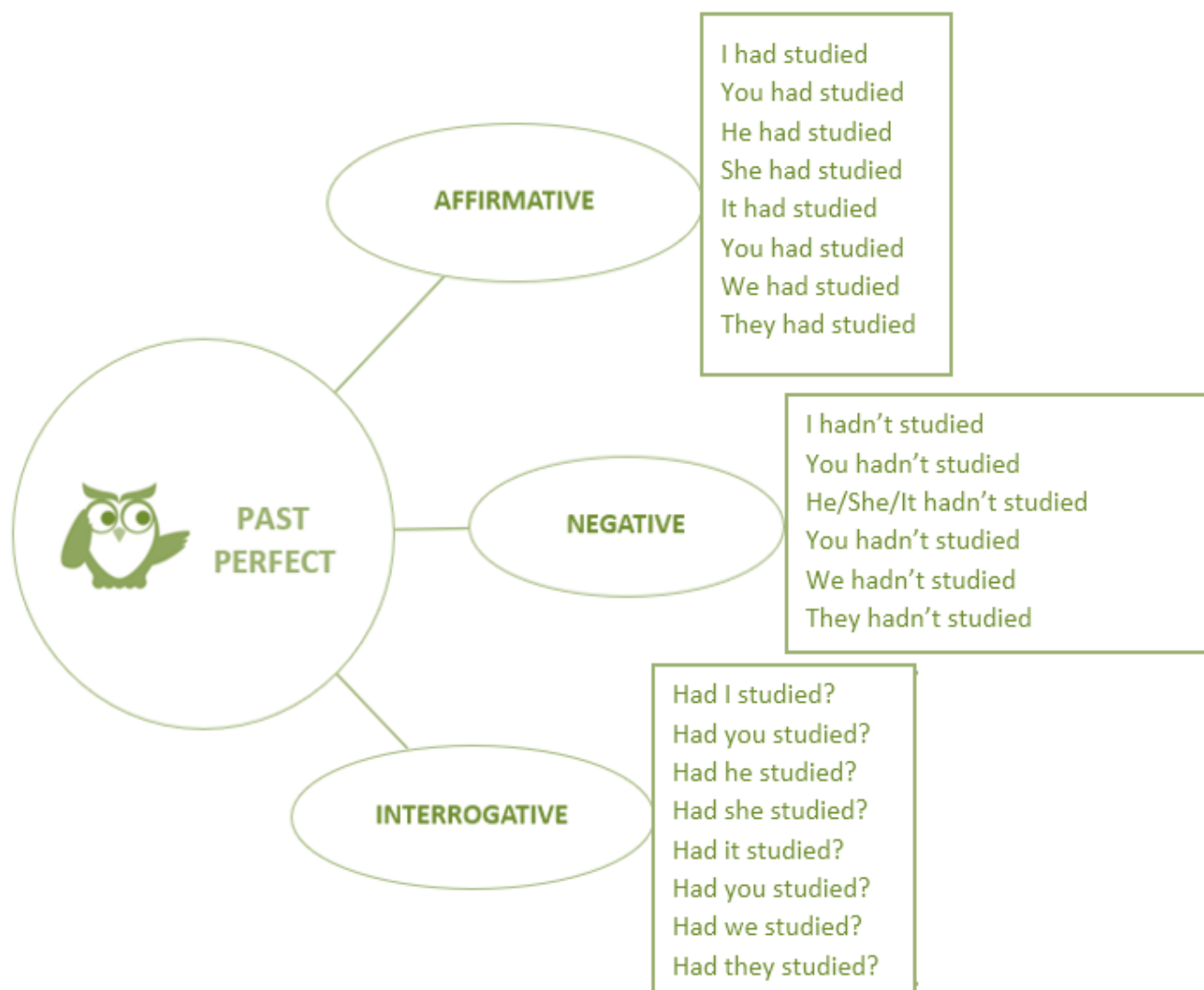
Aqui também, mesma observação: para verbos regulares, o particípio passado apenas acrescenta *-ed* e, quando verbo é irregular, o particípio não segue nenhuma regra, como vimos os verbos *to write* (escrever), que no passado é *wrote*, no particípio fica *written*.

As frases interrogativas são formadas pelo verbo auxiliar *had* no início das perguntas, um sujeito e o verbo principal no particípio - *Had she studied* “Ela tinha estudado?”, *Had they worked very much?* (*Eles tinham trabalhado muito?*).

As frases negativas são formadas por um sujeito, um verbo auxiliar *had* na forma negativa *had not/hadn't* e o verbo principal no particípio - *She hadn't studied* “Ela não tinha estudado”, *They hadn't worked very much*. (*Eles não tinham trabalhado muito*).



Vejam os nossos “esquemas”, com o verbo TO STUDY, conjugado no *Past Perfect*:



Agora, estudaremos o último tempo verbal *Perfect*, o *Future Perfect*.

E você verá que esse tempo verbal também é simples. Basta saber como usá-lo.

Como eu disse antes, algumas estruturas e formas verbais são dificilmente encontradas nas provas e outras são mais comuns, como o *Present Perfect*, que acabamos de ver.

Veremos todas para não haver dúvidas.



9. Future Perfect

O *Future Perfect* é usado para expressar ações que vão terminar, em um certo tempo no futuro, como se você já soubesse ou como se estivesse prevendo o que vai acontecer. Vamos aprender esse tempo verbal através de exemplos.

Em uma frase, se queremos dizer que o vôo de uma pessoa será às 20h, por exemplo, não há tempo de chegar no aeroporto e embarcar às 20h se a pessoa sair de casa às 19:30h. Então, diremos: Quando ela chegar no aeroporto, o avião já terá partido – *When she gets there, the plane will have left*.

Outro exemplo para ficar mais claro: *By next month, I will have finished my book*. (No próximo mês, eu terei terminado meu livro). Percebemos que, o sujeito, que provavelmente seja o escritor do livro, fez uma previsão para o término de sua ação, dizendo que o livro estará terminado no próximo mês.

Por isso, no *Future Perfect*, é comum encontrarmos expressões temporais que acompanhem as frases, tais como: *before* (antes), *by* (em, no, na), *by the time* (quando) etc. Como eu já disse, o *Future Perfect* se refere a eventos que serão terminadas em determinado ponto do futuro, ou seja, em um tempo posterior ao do momento da ação principal da frase.

As frases afirmativas têm a seguinte estrutura: um sujeito, o verbo auxiliar que representa o futuro: *will*, o verbo auxiliar *to have* (para todas as pessoas como sujeito) e o verbo principal no particípio - *She will have arrived there before you notice it* (Ela terá chegado lá antes que você perceba), demonstrando que ela saiu e vai chegar em um determinado lugar antes que a outra pessoa perceba.

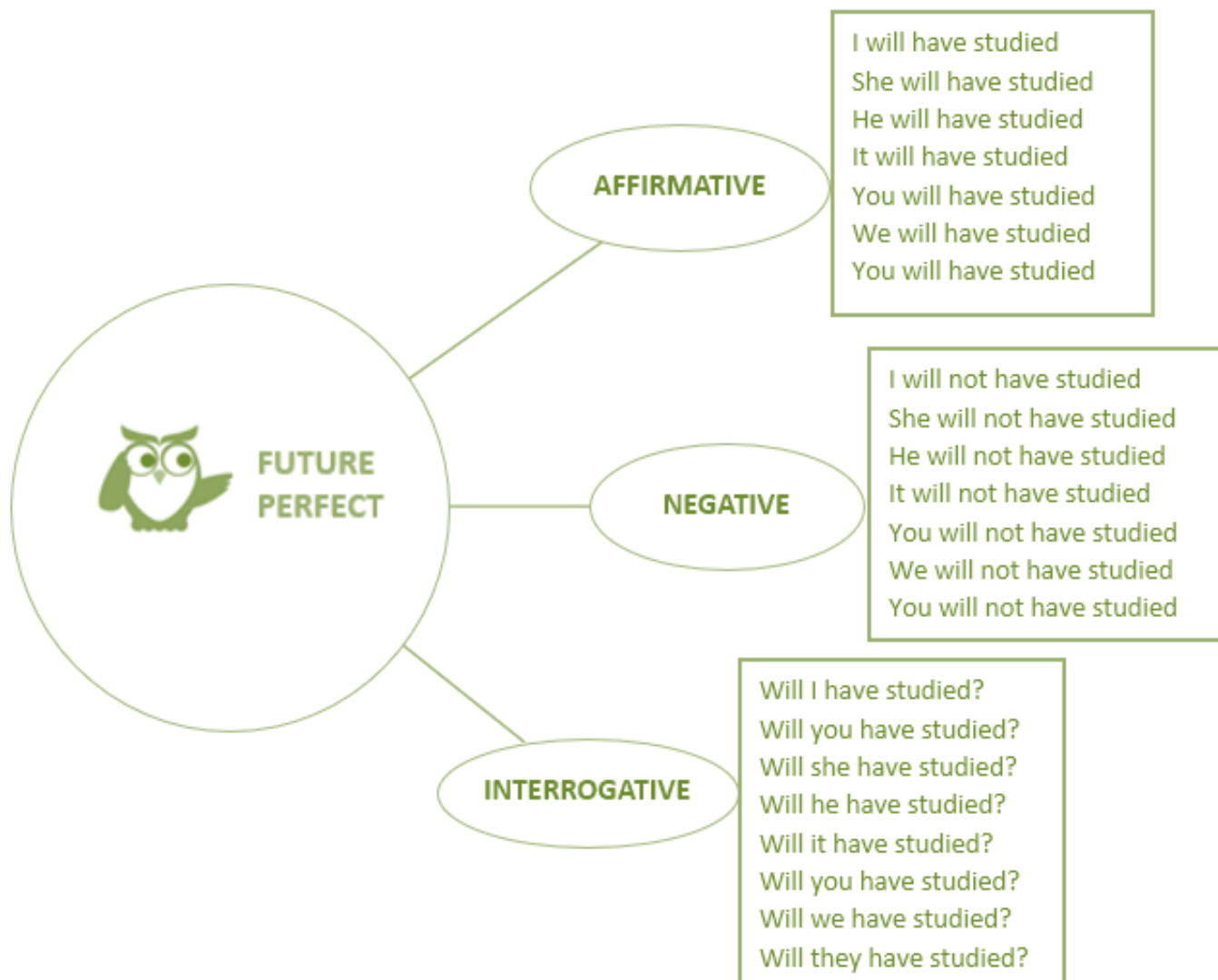
As frases interrogativas são formadas pelo auxiliar *will*, dessa vez antes dos sujeitos, logo no início das frases, o sujeito, o verbo *to have* e o verbo principal no particípio – *Will she have arrived at the airport by 8pm?* (Ela terá chegado no aeroporto às 8pm?).

E as frases negativas são formadas pelo sujeito, auxiliar *will*, dessa vez na forma negativa, *will not/won't*, o verbo *to have* e o verbo principal no particípio – *She will not have arrived at the airport by 8pm* (Ela não terá chegado no aeroporto às 8pm).

Vale ressaltar que, para construir frases no *Future Perfect*, não importa se as ações serão realmente concluídas no futuro: o que importa é a projeção que o sujeito vai fazer para usar tal tempo verbal, veja: *The boy will have paid all his debts in December* – significando O garoto terá pago todas as suas dívidas até Dezembro. Mesmo que ele não pague seus débitos até o fim do ano, é o que se espera que aconteça. E, por isso, a previsão de que ele, provavelmente terá pago, foi expressada no *Future Perfect*, ok?



Vejamos o Future Perfect em nosso “esquema”.



Agora, estudaremos os tempos da vertente “*Perfect Continuous*”, em que há auxiliar *to have*, verbos no particípio e também no gerúndio, vamos lá?

E, daqui por diante, vamos estudar e praticar com exercícios variados.



10. Present Perfect Continuous

O *Present Perfect Continuous* é um tempo verbal usado para enfatizar a continuidade de uma ação que se iniciou no passado e se prolonga até hoje. Pouco usado em provas mas, como os textos são de diferentes fontes, pode aparecer ou ajudar na compreensão de alguma alternativa na hora de sua prova.

A definição se parece com a do *Present Perfect*, que também é usado para indicar algo que começou e ainda não terminou, certo? Então, temos que analisar as diferenças para não haver confusão.

Vou definir as diferenças através de exemplos para que você possa visualizar bem e encontrar, nos textos, cada tempo verbal no dia da sua prova.

Na seguinte frase: *I have studied English for 6 years.* (Eu estudo/tenho estudado Inglês há 6 anos), a ação teve início 6 anos atrás e ainda continua até o presente momento – a pessoa ainda está estudando Inglês.

O *Present Perfect Continuous* é mais simples do que isso. É quando algo está acontecendo no mesmo momento em que o sujeito está falando, veja: *I have been studying English for 6 years*, seria também “Eu tenho estudado Inglês a 6 anos” mas o falante, o sujeito da frase, está estudando Inglês agora, nesse momento, lembrando-se que já estuda esse idioma a 6 anos, ou seja, estudando e enfatizando a ação de que começou a estudar no passado.

O *Present Perfect*, por sua vez, revela algo que começou e ainda acontece, mas, não necessariamente que a pessoa esteja fazendo o que diz.

Outro exemplo para ficar mais clara a diferença para você: Eu estou preparando uma sopa, seria *I am preparing a soup*, usando *Present Continuous*, certo? Mas, Eu estou preparando uma sopa a 15 minutos, seria *I have been preparing a soup for 15 minutes*, no *Present Perfect Continuous*, ou seja, comecei a sopa e ainda estou preparando-a, a ação não terminou e ainda está sendo feita, ok?

Outro exemplo: alguém está limpando a casa o chão ainda está molhado, usamos o *Present Perfect Continuous* – *She has been cleaning the house and the floor is still wet* – pois ela tem limpado a casa e não terminou, já que o chão ainda está molhado (*wet*).

As frases afirmativas têm a seguinte estrutura: um sujeito, o verbo auxiliar *to have* (ou *has* nas terceiras pessoas do singular) o verbo *to be* no particípio (*been*) para todos os sujeitos e o verbo principal no gerúndio (com *-ing*) - *She has been singing* (Ela tem cantado), demonstrando que ela começou a cantar, ainda está cantando. A pessoa que falou isso, o sujeito da frase, provavelmente, está vendo ou ouvindo quem está cantando, ou com admiração ou fazendo algum tipo de observação sobre o que vê/ouve.

As frases interrogativas são formadas pelo *to have* (ou *has* nas terceiras pessoas do singular) antes do sujeito, o verbo *to be* no particípio (*been*) para todos os sujeitos e o verbo principal no gerúndio (com *-ing*) - *Has she been singing?* (Ela tem cantado?).

E as frases negativas são formadas pelo sujeito, o verbo *to have not* (ou *has not* nas terceiras pessoas do singular) o verbo *to be* no particípio (*been*) para todos os sujeitos e o verbo principal no gerúndio (com *-ing*) - *She hasn't been singing* (Ela não tem cantado).



Vejamos uma observação que preparei para facilitar a sua compreensão sobre esses tempos verbais. Em seguida, o esquema do verbo *to study*, conjugado no Present Perfect Continuous.

**DON'T
CONFUSE**



Não confunda:

- *Present Continuous*
- *Present Perfect Continuous*

Present Perfect

O Present Continuous expressa uma ação que está ocorrendo no momento, agora:

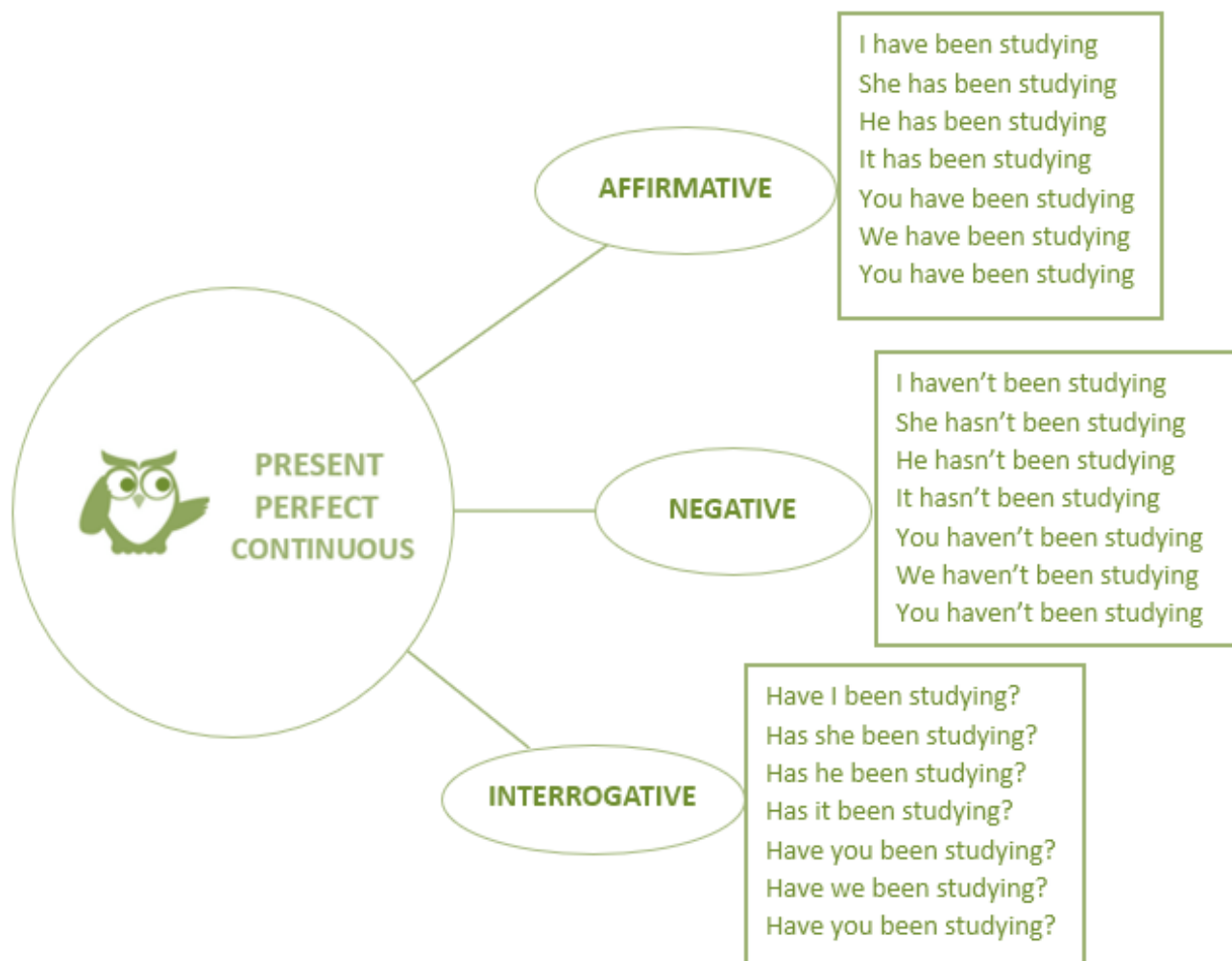
She is dancing now. (Ela está dançando agora.)

O Present Perfect Continuous expressa algo que começou no passado e continua até o presente:

He has been dancing for one hour. (Ele está dançando há uma hora.)

O Present Perfect expressa ações que acabaram em um tempo não definido do passado:

She has danced. (Ela dançou. – pode dançar novamente, todos os dias já que não definiu quando).



Vamos ao *Past Perfect Continuous* agora. Preparado?



11. Past Perfect Continuous

O *Past Perfect Continuous*, que também pode ser encontrado com o nome *Past Perfect Progressive*, como os outros tempos verbais *Continuous* em geral, é usado para enfatizar ações anteriores à outras, ambas no passado.

Por exemplo, um aluno estudou por 8 horas seguidas e ficou cansado. A ação de ficar cansado veio como consequência dos estudos. E, aconteceu depois que ele estudou por longas horas.

Porém, ambas ações já aconteceram – estudar e ficar cansado – o aluno provavelmente já descansou e o que aconteceu já passou. Para descrever esses acontecimentos do passado, usando dois verbos na frase, um deles será expresso no passado (ficar cansado) e o verbo que descreve o fato anterior ao cansaço, no *Past Perfect Continuous*, tempo justamente exclusivo para acontecimentos anteriores a outros.

Vejamos o exemplo acima explicado, agora em Inglês, com o uso do tempo verbal *Present Perfect Continuous*: He got tired because he had been studying for 8 hours – *to get tired* = ficar cansado, no passado = *got tired*) e *had been studying* = tinha estudado ou tinha ficado estudando 8 horas, se for traduzir literalmente.

Parece que não é simples, mas é.

It's Easy!



Na seguinte frase: *I had been written e-mails all night long before I went to bed* (Eu fiquei escrevendo e-mails a noite inteira antes de ir para cama), ambas ações já aconteceram: escrever emails a noite inteira e depois ir para a cama dormir.

A última coisa feita foi ir para cama dormir e, por isso, o verbo *went to bed*. Já a ação escrever e-mails, o que o sujeito fez antes de dormir, está no *Past Perfect Continuous* – *had been writing*.

É muito comum, no *Past Perfect Continuous*, o uso de advérbios diversos na elaboração das sentenças, como *when* (quando), *since* (desde), *before* (antes), *after* (depois) etc. porque esses advérbios proporcionam a ligação entre os eventos que aconteceram no passado.

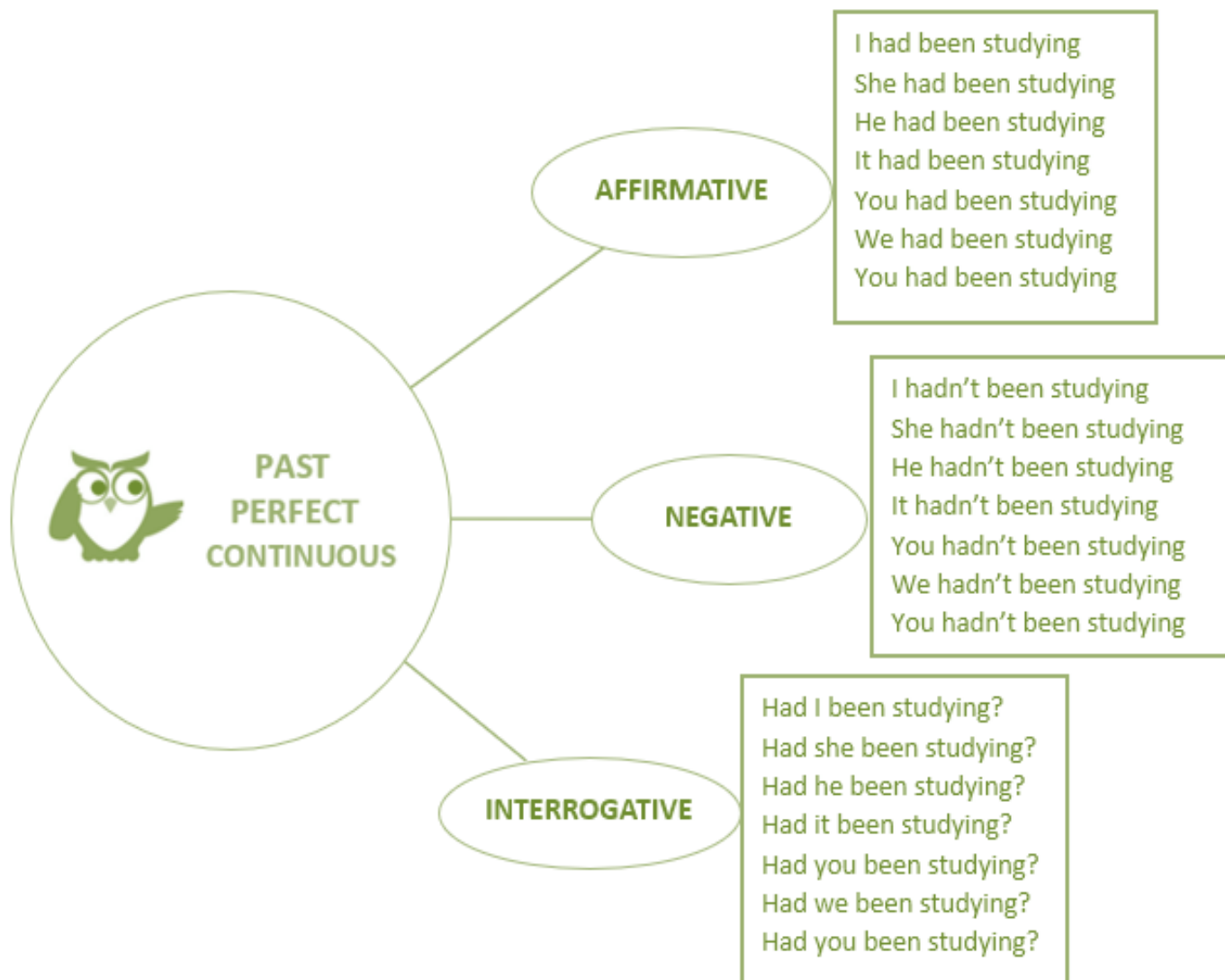
As frases afirmativas do *Past Perfect Continuous* têm a seguinte estrutura: um sujeito, o verbo auxiliar *to have* no passado: *had*, o verbo *to be* no particípio (*been*) para todos os sujeitos e o verbo principal no gerúndio (com *-ing*) - *She had been singing long hours and she won the music festival*. (Ela tinha ficado cantando ou simplesmente ela tinha cantado antes de ganhar o festival de música. E ganhou: won), demonstrando que praticou e ganhou, duas ações que aconteceram.

As frases interrogativas são formadas pelo *had* antes do sujeito, no início das frases, o verbo *to be* no particípio (*been*) para todos os sujeitos e o verbo principal no gerúndio (com *-ing*) - *Had she been singing before she won the festival?* (Ela tinha cantado? Ou Ela tinha ficado cantando antes que ganhasse o festival?).



E as frases negativas, por sua vez, são formadas pelo sujeito, pelo *had* na negativa: *had not/hadn't*, o verbo *to be* no particípio (*been*) para todos os sujeitos e o verbo principal no gerúndio (com *-ing*) - *She hadn't been singing before...* (Ela não tinha cantado ou não tinha ficado cantando antes de...)

Vejamos o esquema do verbo *to study*, conjugado no Past Perfect Continuous.



Agora, em complemento aos tempos "*Perfect Continuous*", vejamos o *Future Perfect Continuous* no próximo capítulo e outros tempos verbais e curiosidades adiante. Vamos lá!



12. Future Perfect Continuous

O *Future Perfect Continuous*, que também pode ser encontrado com o nome *Future Perfect Progressive* indica uma ação que será completada em algum momento no futuro. É um tempo verbal pouco usado em Inglês, o menos usado de todos os tempos aqui estudados.

Porém, você precisa entender bem o uso e regras dele para que, caso apareça em sua prova, seja simples encontrá-lo e saber como responder as perguntas sobre isso.

Uma das características marcantes desse tempo verbal é que ele expressa algo especial, pois, quando utilizado, é expressa uma intenção real do que se quer dizer. Vejamos exemplos: *By October of this year, I will have been searching for a job for three months.* (Em Outubro deste ano, fará três meses que estarei procurando um emprego).

O sujeito está dizendo algo que vai acontecer daqui a 3 meses, considerando que ele estamos em Julho, já que 3 meses contados a partir de Julho, é Outubro. E, se o sujeito não encontrar o emprego que procura, completará 3 meses a procura de algo que ainda não encontrou.

Vejamos outro exemplo, com o uso do tempo verbal *Future Perfect Continuous*: *At ten o'clock, I will have been waiting for you for two hours* (Às 22h, terei ficado esperando você por duas horas). Então, agora são exatamente 20h e daqui 2 horas (22h), a pessoa já terá esperado outra por 2 horas, ou seja, ficará 2 horas esperando alguém.



Vejamos um exemplo:

Na seguinte frase: *Next year, the teacher will have been working at the school for more than 5 years* – quer dizer que no ano que vem, o professor terá trabalhado na escola por mais de 5 anos. Então, o professor já trabalha a quase 4 anos no mesmo lugar e, no próximo ano, completará 5 ou mais anos trabalhando nessa escola.

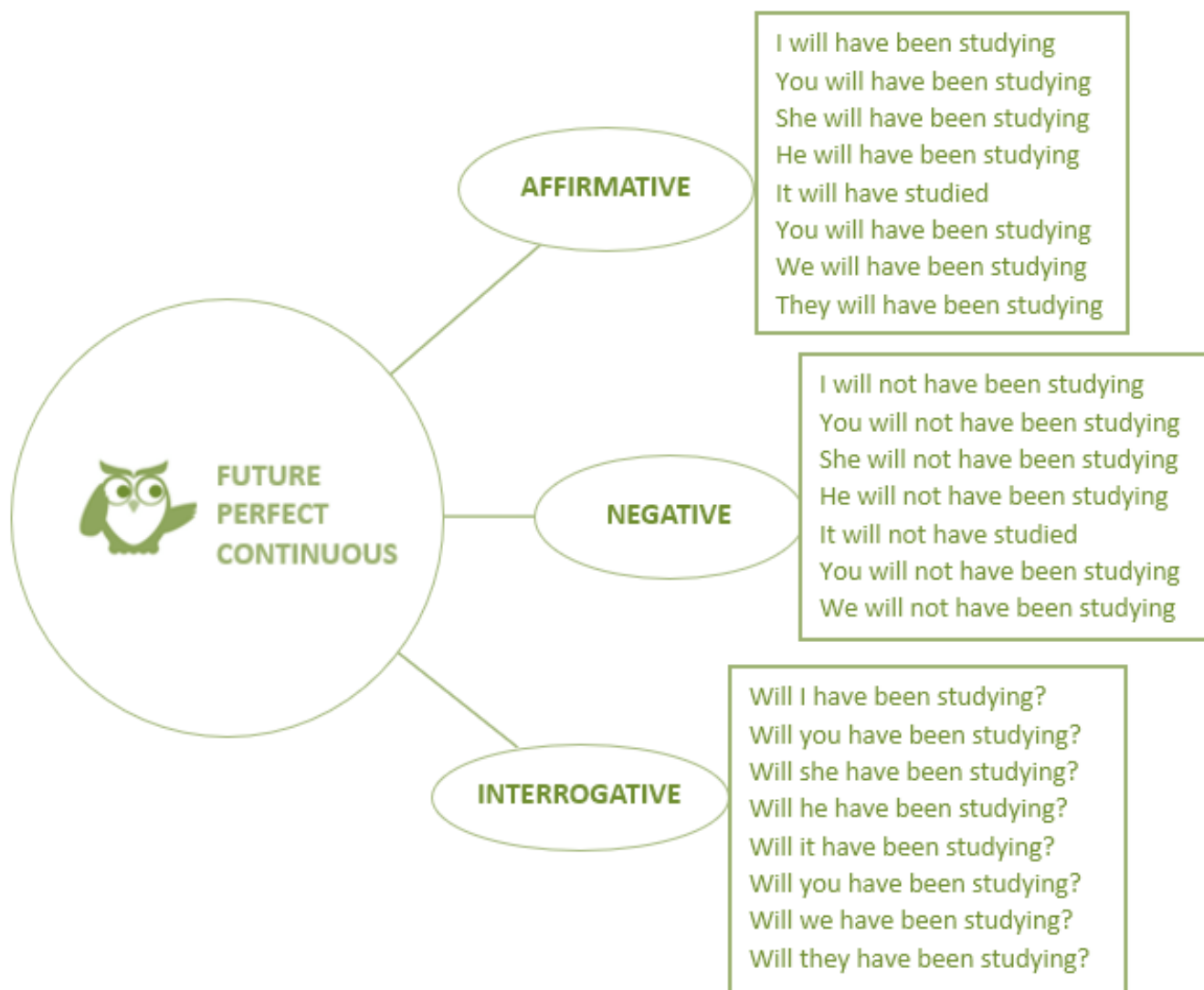
As frases afirmativas do *Future Perfect Continuous* têm a seguinte estrutura: um sujeito, o verbo auxiliar que representa o futuro: *will*, o verbo *to have* (para todos os sujeitos), o verbo *to be* no *particípio* – *been* – e o verbo principal no gerúndio (com *-ing*) - *She will have been singing for two hours at 3pm.* (Ela terá ficado cantando por 2 horas às 15h), demonstrando que ela está cantando, são 13h e, daqui 2 horas, ela terá ficado fazendo a mesma coisa (cantando) por duas horas. Certo?

As frases interrogativas são formadas pelo *will* antes do sujeito, no início das frases, o sujeito, o verbo auxiliar que representa o futuro: *will*, o verbo *to have* (para todos os sujeitos), o verbo *to be* no *particípio* – *been* – e o verbo principal no gerúndio (com *-ing*) - *Will she have been singing for two hours at 3pm.*

E as frases negativas, por sua vez, são formadas pelo sujeito, o auxiliar *will* na negativa – *will not/won't*, o verbo *to have* (para todos os sujeitos), o verbo *to be* no *particípio* – *been* – e o verbo principal no gerúndio (com *-ing*) - *She will not/won't have been singing for two hours at 3pm.*



Vejam os esquemas do verbo *to study*, conjugado no Future Perfect Continuous.



Agora, estudaremos sobre os verbos modais e suas características, regras, como usar etc. E vamos acrescentando conteúdo em seus estudos. Vamos lá!



13. Modal verbs

Modal verbs são muito simples.

Verbo modal é o nome técnico classificado pela Gramática Normativa como um grupo de palavras em Inglês que possuem suas características próprias. Como assim?

É porque esse grupo de verbos, considerados de certa forma auxiliares, não seguem as mesmas regras que os outros verbos da língua inglesa.

O uso dos *Modal verbs* acontece para mudar ou, muitas vezes, complementar o sentido do verbo principal, expressando ideias variadas, que podem ser: possibilidade, obrigação, dedução, desejo, proibição, vontade, capacidade, entre outras.

Vamos estudar cada um deles separadamente e conhecer seus significados e maneiras de usar. Nas frases afirmativas, eles vêm antes dos verbos principais.

Nas interrogativas, no início das frases e nas negativas, com o acréscimo de “*not*”, assim como já vimos em outros auxiliares já estudados.

Agora, um por um para melhor compreensão.

Verbo Modal CAN

Can é usado para expressar, na maioria das vezes, capacidade ou habilidade. Mas pode aparecer em frases também demonstrando possibilidade, alguma permissão informal ou fazendo um pedido informal. Vejamos alguns exemplos:

You can park here. (Você pode estacionar aqui – Permissão)

It can happen to you one day. (Isto pode acontecer com você um dia – Possibilidade)

They can speak French. (Eles sabem/conseguem falar Francês – Habilidade)

I can't have done it! (Não posso ter feito isso! – Capacidade (como fui capaz de fazer isso!))

Can you help me? (Você pode me ajudar? – Pedido informal)

Can I use your phone? (Posso usar seu telefone? – Permissão informal)



Verbo Modal Could

Could é usado quase que nas mesmas situações em que usamos *can*. Porém, com um “tom” mais educado. Expressa expressar capacidade, habilidade, possibilidade, permissão formal e pedido formal.

Geralmente está presente em perguntas com um pouco de formalidade, já que haverá outros modais para casos de formalidade de fato.

Vejamos alguns exemplos:

Could you open the door, please? (Você poderia abrir a porta, por favor?)

I could see she was tired. (Eu podia ver que ela estava cansada.)

We could not smoke in that restaurant. (Nós não podíamos fumar naquele restaurante.)

He could swim when he was a kid. (Ele podia/conseguia nadar quando era criança)

If I win the lottery, I could buy a new house. (Se eu ganhasse na loteria, eu podia/poderia comprar uma casa nova).

Verbo Modal May

May é usado para indicar permissão e possibilidade.

Pode também ser usado para expressar ações e acontecimentos que serão possíveis no futuro e no presente.

Pode expressar deduções, fazer um pedido, pedir ou dar permissão. Pode oferecer ajuda.

Vejamos alguns exemplos:

May I help you? (Posso lhe ajudar? (*Aqui podemos usar can ou may na linguagem oral, cotidiana, informal, mas, na escrita, o *can* seria inapropriado e o *may*, totalmente adequado)

I may call you later when I leave my job. (Eu posso ligar para você mais tarde quando eu sair do meu trabalho.)

She may not know what happened. She looks like suspicious. (Ela não deve saber o que aconteceu. Ela parece suspeita.)



I may visit you next Sunday. It's my day off. (Eu posso te visitar no próximo domingo. / É provável que eu te visite no próximo domingo, é meu dia de folga.)

He may be sick, he didn't come. (Ele deve estar doente, ele não veio. / É possível que esteja doente)

Verbo Modal Might

Might é usado para indicar permissões mais formais, possibilidades remotas.

Também pode ser usado para descrever ações e acontecimentos possíveis em um momento futuro ou presente, pode expressar deduções, às vezes fazer pedidos ou dar permissão.

É importante destacar que, *might* passa uma ideia de frases mais polida, ou seja, mais formal e por isso é menos usado que os demais.

Vejamos exemplos.

Might I borrow your pen? Mine is not on my table. (Posso pegar sua caneta emprestada? A minha não está e minha mesa.)

It might rain later because it is cloudy. (Pode ser que chova mais tarde/ Talvez chova mais tarde porque está nublado.)

He might tell you why he got disappointed. (Pode ser que ele te conte por que ele ficou decepcionado)

She might get home because of the traffic. (Ela deve chegar em casa tarde por causa do trânsito.)

Why did he leave? I don't know. Maybe he might have needed. (Por que ele foi embora? Não sei. Talvez ele precisasse ir.)

Verbo Modal Must

Must é usado para exprimir obrigações e deduções (se for na afirmativa) e expressar proibição (na negativa) – *must not/mustn't*.

Vejamos exemplos.



You must help her, it's your mom! (Você deve ajudá-la, é sua mãe!)

The doctor said you must stop smoking, or you'll die. (O médico falou que você deve parar de fumar ou você vai morrer)

Children must not watch this video. (As crianças não devem assistir esse vídeo.)

Bom, como must não tem forma específica para o tempo passado, usamos had to para expressar uma obrigação no passado:

Yesterday I had to work up to 10pm. (Ontem tive que trabalhar até às 10 da noite.)

Em frases afirmativas, o must também pode ser substituído por have to para expressar obrigação. Significarão dever, ter que fazer algo, *must* e *have to* com a mesma função e tradução.

Geralmente, na fala, linguagem informal, percebemos que o have to é usado com mais frequência do que o *must*:

I must study for my test. (Eu tenho que/devo estudar para minha prova).

I have to study for my test. (Eu tenho que/devo estudar para minha prova).

Verbos Modais Should/Ought to

Should ou *Ought to* são modais usados na mesma função, com o mesmo significado.

São ambos usados para aconselhar, exprimir expectativas ou obrigações menos intensas.

Vejamos exemplos.

They should/ought to wear seat belt while driving. (Eles deveriam usar cinto de segurança no carro enquanto está dirigindo)

You should not/ought not to walk alone after 9pm. (Você não deveria andar sozinho após 9h da noite)

You should not/ought not to accept offers from strangers. (Você não deveria aceitar propostas de estranhos.)

You shouldn't/ought not to say things like that to me. (Você não deveria dizer esse tipo de coisa para mim.)

What should/ought to we do now? I have no idea. (O que devemos fazer agora? Eu não faço ideia).



Verbo Modal Shall

Shall é usado para formar orações que remetem a ações futuras, que ainda vão acontecer. *Shall* só é usado na primeira pessoa do singular (*I*) e do plural (*We*).

Este modal é visto com mais frequência em perguntas ou quando se oferece algo, sugerindo alguma coisa ou fazendo algum convite. É considerado bem formal, expressa polidez.

Vejamos exemplos.

You can count on me. I shall arrive tomorrow. (Você pode contar comigo. Eu chegarei amanhã.)

We shall arrive tomorrow. (Nós chegaremos amanhã.)

Shall I call her? (Ligo para ela? – como se fosse uma dúvida se ligo ou não para a pessoa, que pode estar ocupada ou não quer falar.)

Shall I open the window? (Abro a janela? – como se fosse uma dúvida se o clima está quente ou frio e se a pessoa realmente pode abrir a janela.)

We shall need the money in December. (Vamos precisar do dinheiro em Dezembro.)

Shall I carry your luggage? (Quer que eu carregue sua bagagem?)

Verbos Modais Will e Would

Will e *Would* são modais, porém são muito mais usados na função de auxiliar do futuro e frases condicionais, consecutivamente.

Will, acompanhando verbos principais, coloca-os no tempo futuro, como já vimos no capítulo específico do tempo futuro – *I will travel tomorrow* – Eu viajarei amanhã.

Would é basicamente a característica da polidez, da delicadeza.

E acompanha verbos principais, colocando-os na função de condicional – *I would travel if I had money.* (Eu viajaria se tivesse dinheiro. O *would* também é usado como o passado de *will*.
Vejamos exemplos.

I will study very much on the weekend. (Vou estudar muito no fim de semana).

Will you cook lunch? (Você vai fazer almoço?)

Would you walk on the cemetery at night? (Você andaria no cemitério a noite?)

Agora, estudaremos o tempo verbal *Imperative*, que geralmente usamos para dar ordens. Mas, veremos que há outros usos do imperativo.

Vamos lá! Temos muitos exercícios ainda para praticar! *Come on!*



14. Imperative tense

Imperative Tense é o tempo verbal em inglês usado para expressar ordens, pedidos, oferecer instruções e também para aconselhar alguém.

Para elaborar frases no Imperativo, basta usar os verbos em Inglês no infinitivo (sua forma original sem conjugação) sem a preposição “to”. O “to” é usado para mostrar os verbos separados, ou seja, fora das frases, não contextualizados.

Lembre-se de que o Imperativo é usado apenas com o verbo em sua forma infinitiva, sem a preposição “to” e, quase 100% das vezes, no início de frases.

Mas o modo Imperativo não é, por sua vez, conjugado no passado ou na forma contínua. Não há essas variações no Imperativo.

E, para expressar negação, usa-se o *Don't* no início das frases, como por exemplo *Don't repeat that*. (Não repita isso).

Quando um verbo é mencionado com “to”, geralmente é antes da frase ser elaborada, apontando a ação a ser usada em determinada oração: **to go** (verbo **ir**) *Students go to the university* – Alunos **vão** à universidade.

O uso do tempo Imperativo costuma ser direto e, às vezes, passa a impressão de que a pessoa foi rude ou um pouco sem educação. Isso porque é fácil perceber que, curiosamente, a palavra *please*, inserida no contexto de um pedido ou ordem, é bem mais usada em países falantes da língua inglesa do que por nós, brasileiros.

São diferenças culturais que não devem ser julgadas já que isso não torna ninguém melhor ou pior do que o outro, mas sim, mostra-nos o quanto há variedades linguísticas e formas diversas de se expressar como pessoa.

Então, é bom que você esteja atento que, em um pedido ou uma ordem, por exemplo, com o intuito de amenizar e não parecer ser grosseiro, o sujeito certamente usará a palavra *please* nos textos e nos exercícios que analisaremos e já estamos analisando nas aulas.

Vejamos exemplos de frases no modo Imperativo.

Turn on the TV, please. (Ligue a TV, por favor).

Look at the book now, please. (Olhe para o livro agora, por favor).

Hey, John, bring me a cup of water, please. (Ei, John, traga-me um copo de água, por favor).

Go fast! (Vá rápido!)

Come here, please. (Venha aqui, por favor).

Listen to your teacher. (Ouça sua professora).

Sit down/ Stand up. (Sente-se/Levante-se)

Close the door and the window. (Feche a porta e a janela).

Be careful. (Tome cuidado).



Existem muitas situações em que encontramos frases no Imperativo. Por exemplo, nas placas de sinalização em nossa cidade: *stop* (pare), *Push* (empurre), *Insert the coin* (insira a moeda).

Se você analisar, os manuais de instrução de qualquer assunto, tais como a montagem de um produto novo, um eletrodoméstico que você tenha comprado ou até mesmo as receitas culinárias, também são cheias deles.

Encontramos frases imperativas em ordem, sequência que devemos seguir para montar algo ou preparar alguma coisa: “*first, you...*” (primeiro, você...), “*then, you...*” (então você...), “*so, you...*” (daí, você...) “*next,...*” (em seguida,...), “*after,...*” (depois,...) e assim por diante com verbos no Imperativo, para seguir os passos e cumprir uma meta. Exemplos:

First, break the egg. And then, join the flour. (Primeiro, quebre o ovo e então, junte à farinha)

First, connect the cables. Then, plug it. Finally, check your internet connection and...
(Primeiro,..)



Agora, estudaremos um pouco sobre os *Phrasal verbs*, já que depois teremos uma aula exclusiva para explorar a fundo esse tema. Vamos lá!



15. Phrasal Verbs – introdução

Teremos uma aula inteira, em nosso material, exclusiva para estudar e compreender melhor os *phrasal verbs*, já que são bastante usados na elaboração das provas de Inglês.

É um assunto que necessita de atenção e, aqui, farei uma introdução, para que esse tópico não falte nessa aula inteira, que é destinada aos verbos e suas conjugações.

Phrasal Verbs, definidos de uma maneira mais simples, são verbos que vem acompanhados por preposições ou advérbios.

Ou seja, é uma combinação de palavras formada por um verbo e uma preposição ou advérbio.

São também conhecidos como verbos preposicionados ou, em alguns livros e gramáticas, classificados como expressões verbais, porque esses verbos especiais, quando combinados com partículas adverbiais ou com preposições, mudam completamente o significado do verbo usado em sua composição.

Quando você tenta traduzir essas combinações, esses *phrasal verbs*, palavra por palavra, elas poderão ficar totalmente sem sentido, já que são verbos interpretados sempre em conjunto.

Para exemplificar, vamos pensar no verbo *to call*, que, em Português, significa chamar ou ligar, telefonar (*I called you last night* = Eu liguei para você ontem a noite).

Esse verbo, quando usado junto às preposições *in* e *off*, por exemplo, tornam-se outros verbos com outros significados, veja:

To call in: convidar – *I will probably call my neighbor in to the party* – Eu provavelmente vou convidar meu vizinho para a festa.

To call off: cancelar – *I have to call off the meeting with you, I'm sorry* – Eu tenho que cancelar a reunião com você, desculpe-me.

Como afirmei que os *phrasal verbs* não podem ser traduzidos literalmente, a melhor forma de aprendê-los é praticando: respondendo exercícios e lendo textos, fontes da sua prova.

Quanto mais intensificado for seu estudo, mais vocabulário, incluindo *phrasal verbs*, você aprenderá.

Esse assunto é tão importante em Inglês, que existem vários dicionários de *phrasal verbs*. Na aula em que trataremos de regras, explicações variadas, maneiras de usá-los, preposições mais utilizadas na construção dos *phrasal verbs*, entre outros detalhes essenciais, haverá uma lista com a sugestão de alguns deles que aparecem com frequência nas provas.

Há inúmeros trechos de questões com os *phrasal verbs* e vou mostrar um deles aqui, além de vários outros no decorrer das aulas, principalmente, na aula específica aos *phrasal verbs*, para que você tenha uma percepção de como eles são cobrados.



16. Questão inédita

Questão inédita Teacher Andrea Belo

Read the text and answer the question below.

The Telegraph ALL SECTIONS

NEWS | POLITICS | SPORT | TECHNOLOGY | BUSINESS | MONEY | OPINION | LIFESTYLE | CULTURE | TRAVEL

Lifestyle | Family

Do you and your partner have a healthy financial relationship? Four couples come clean about their cash

[f share](#) [Twitter](#) [Email](#) [Save](#)



Money stress tops the list of reasons couples divorce

Honesty is the best policy when it comes to marital finances – the top cause of divorce

When my husband and I were engaged, we did a marriage preparation course, which entailed filling out a questionnaire to see if there were any areas of incompatibility we needed to work on. We did absolutely fine bar one area: finance. He was worried I was going to spend all his money. We've now been married 11 years, and while I'm happy to report that neither of us have run off with the other's savings, the issue of money



Questão 01 (Inédita – Teacher Andrea Belo)

De acordo com o texto, a pergunta “*Do you and your partner have a healthy financial relationship?*” indica:

- a) The question involves the relationship of marriage and divorce because of money.
- b) The question involves a business deal represented by the word partner.
- c) The question is a curiosity about how a wedding life is in many aspects.
- d) The question shows that the author talks about two tasks: health and relationship.
- e) The question makes couples think about their relationship involving money tasks.

Comentários:

THE TELEGRAPH é uma fonte usada na elaboração de algumas provas e é uma ótima opção de aprimoramento de vocabulário. Muitas questões que estamos analisando e ainda vamos analisar em nossas aulas, mostram textos retirados de *The Telegraph*, assim como nessa questão inédita elaborada para você.

Você pode perceber que o assunto é família, pois há a palavra *family* no lugar em que o jornal mostra o assunto, abaixo do nome *The Telegraph*. Há um casal vestido de noivos e moedas ao redor deles, indicando a relação do dinheiro e do casamento, como já se pergunta no início do artigo: *Do you and your partner have a healthy financial relationship?* – Você e seu parceiro têm uma relação financeira saudável? E durante o texto, palavras cognatas indicam que se fala de finanças no casamento: *husband, finance, money, married 11 years* etc. Agora vamos às alternativas.

Na letra “**A**”, diz que a pergunta envolve a relação de casamento e divórcio (*marriage/ divorce*) mas o texto é sobre de casamento x dinheiro e não se fala em divórcio por causa de dinheiro. Mesmo que isso possa acontecer, no texto não há essa informação. Alternativa errada.

A alternativa “**B**”, diz que a pergunta envolve negócios por causa da palavra *partner*, que pode significar sócio. Mas o artigo cita *partner* como parceiro(a) de casamento (marido e esposa) e não em uma empresa. Alternativa errada.

Na letra “**C**”, diz que a pergunta é uma curiosidade sobre muitos aspectos (*many aspects*). Essa palavra *many* é perigosa. O texto fala da questão financeira e não de muitos aspectos do casamento. Atenção à essas palavras que generalizam. Alternativa errada.

Na letra “**D**”, diz que o autor do texto fala de saúde e relacionamento (*healthy and relationship*) mas não é separadamente como a alternativa aponta e sim, sobre um relacionamento saudável em relação à vida financeira (*healthy financial relationship*) Alternativa errada.

Na letra “**E**”, diz que a pergunta leva o casal a pensar sobre seu relacionamento envolvendo o assunto dinheiro (*relationship involving money tasks*), que é justamente o que propõe o texto. Alternativa correta.

Agora vamos à nossa lista de questões de exercícios de provas anteriores para praticar ainda mais.



17. Questões de anos anteriores

Você vai, agora, responder questões selecionadas de provas já realizadas em anos anteriores. Depois, como em todas as nossas aulas, haverá o gabarito e as questões comentadas.

Vamos começar com questões **ESPECEX**, de acordo com a sua instituição escolhida e depois, vamos treinar de outras Carreiras Militares, para adquirir experiência e treinar vocabulário.

Leia o texto a seguir e responda à questão 01 (**ESPECEX/2019**)

Teaching English in the Brazilian countryside

“In Brazil, countryside youth want to learn about new places, new cultures and people. However, **they** think their everyday lives are an obstacle to that, because they imagine that country life has nothing to do with other parts of the world”, says Rafael Fonseca. Rafael teaches English in a language school in a cooperative coffee cultivation in Paraguaçu. **His** learners are the children of rural workers.

Rafael tells **us** that the objective of the project being developed in the cooperative is to give the young people more opportunities of growth in the countryside, and that includes the ability to communicate with international buyers. “In the future, our project may help overcome the lack of succession in countryside activities because, nowadays, rural workers’ children become lawyers, engineers, teachers, and sometimes even doctors, but those children very rarely want to have a profession related to rural work”, says Rafael.

“That happens”, he adds, “because their parents understand that life in the countryside can be hard work and they do not want to see **their** children running the same type of life that they have. Their children also believe that life in the country does not allow **them** to have contact with other parts of the world, meet other people and improve cultural bounds.



The program intends to show them that by means of a second language they can travel, communicate with new people and learn about new cultures as a means of promoting and selling what they produce in the country, and that includes receiving visitors in their workplace from abroad.”

Rafael’s strategy is to contextualize the English language and keep learners up-to-date with what happens in the global market. “Integrating relevant topics about countryside living can be transformative in the classroom. The local regional and cultural aspects are a great source of inspiration and learning not only for the young, but for us all.”

(Adapted from <http://www.cambridge.org/elt/blog/2019/01/21/teaching-english-in-the-brazilian-classroom/>)

Questão 01 – In the sentence “... our project may help overcome the lack of succession in countryside activities...” (paragraph 2), the word overcome means

- [A] increase a problem.
- [B] hide a problem.
- [D] start a problem.
- [C] control a problem.
- [E] neglect a problem.



Questão 02 – (AFA /2017)

AFA/2017

TEXT: Howard Gardner: 'Multiple intelligences' are not 'learning styles' by Valerie Strauss

The fields of psychology and education were revolutionized 30 years ago when we now worldrenowned psychologist Howard Gardner published his 1983 book *Frames of Mind: The Theory of Multiple Intelligences*, which detailed a new model of human intelligence that went beyond the traditional view that there was a single kind that could be measured by standardized tests.

Gardner's theory initially listed seven intelligences which work together: linguistic, logical-mathematical, musical, bodily-kinesthetic, interpersonal and intrapersonal; he later added an eighth, naturalist intelligence and says there may be a few more. The theory became highly popular with K-12¹ educators around the world seeking ways to reach students who did not respond to traditional approaches, but over time, 'multiple intelligences' somehow became synonymous with the concept of 'learning styles'. In this important post, Gardner explains why the former is not the latter.

It's been 30 years since I developed the notion of 'multiple intelligences'. I have been gratified by the interest shown in this idea and the ways it's been used in schools, museums, and business around the world. But one unanticipated consequence has driven me to distraction and that's the tendency of many people, including persons whom I cherish, to credit me with the notion of 'learning styles' or to collapse 'multiple intelligences' with 'learning styles'. It's high time to relieve my pain and to set the record straight.

First a word about 'MI theory'. On the basis of research in several disciplines, including the study of how human capacities are represented in the brain, I developed the idea that each of us has a number of relatively independent mental faculties, which can be termed our 'multiple intelligences'. The basic idea is simplicity itself. A belief in a single intelligence assumes that we have one central, all-purpose computer, and it determines how well we perform in every sector of life. In contrast, a belief in multiple intelligences assumes that human beings have 7 to 10 distinct intelligences.

Even before I spoke and wrote about 'MI', the term 'learning styles' was being bandied about in educational circles. The idea, reasonable enough on the surface, is that all children (indeed all of us) have distinctive minds and personalities. Accordingly, it makes sense to find out about learners and to teach and nurture them in ways that are appropriate, that they value, and above all, are effective.



Two problems: first, the notion of 'learning styles' is itself not coherent. Those who use this term do not define the criteria for a style, nor where styles come from, how they are recognized/ assessed/ exploited. Say that Johnny is said to have a learning style that is 'impulsive'. Does that mean that Johnny is 'impulsive' about everything? How do we know this? What does this imply about teaching? Should we teach 'impulsively', or should we compensate by 'teaching reflectively'? What of learning style is 'right-brained' or visual or tactile? Same issues apply.

Problem #2: when researchers have tried to identify learning styles, teach consistently with those styles, and examine outcomes, there is not persuasive evidence that the learning style analysis produces more effective outcomes than a 'one size fits all approach'. Of course, the learning style analysis might have been inadequate. Or even if it is on the mark, the fact that one intervention did not work does not mean that the concept of learning styles is fatally imperfect; another intervention might have proved effective. Absence of evidence does not prove non-existence of a phenomenon; it signals to educational researchers: 'back to the drawing boards'.

Here's my considered judgment about the best way to analyze this lexical terrain: Intelligence: We all have the multiple intelligences. But we signed out, as a strong intelligence, an area where the person has considerable computational power. Style or learning style: A hypothesis of how an individual approach the range of materials. If an individual has a 'reflective style', he/she is hypothesized to be reflective about the full range of materials. We cannot assume that reflectiveness in writing necessarily signals reflectiveness in one's interaction with the others.

Senses: Sometimes people speak about a 'visual' learner or an 'auditory' learner. The implication is that some people learn through their eyes, others through their ears. This notion is incoherent. Both spatial information and reading occur with the eyes, but they make use of entirely different cognitive faculties. What matters is the power of the mental computer, the intelligence that acts upon that sensory information once picked up.

These distinctions are consequential. If people want to talk about 'an impulsive style' or a 'visual learner', that's their prerogative. But they should recognize that these labels may be unhelpful, at best, and ill-conceived at worst.

In contrast, there is strong evidence that human beings have a range of intelligences and that strength (or weakness) in one intelligence does not predict strength (or weakness) in any other intelligences. All of us exhibit jagged profiles of intelligences. There are common sense ways of assessing our own intelligences, and even if it seems appropriate, we can take a more formal test battery. And then, as teachers, parents, or self assessors, we can decide how best to make use of this information.

(Adapted from <https://www.washingtonpost.com/news/answer-sheet>)

Questão 02 (AFA/2017) - The text

- a) aims at highlighting distinctive mind barriers related to learning.
- b) provides the reader with a bird's-eye-view of Gardner's landmark publication.
- c) develops a considerable set of psychological and mental implications.
- d) concerns about spending 30 years to measure people's intelligence.



Questão 03 (AFA/2017) - In the

The sentence *"Hitler is still alive rumours have circulated since the 1970s"* (line 57 and 58) means that

- a) some people still consider this hypothesis.
- b) it's an old belief that is not accepted anymore.
- c) it was a rumour that occurred in 1970.
- d) Hitler has been alive since 1970.

Questão 03 (EPCAR/2018)

The sentence *"Hitler is still alive rumours have circulated since the 1970s"* (line 57 and 58) means that

- a) some people still consider this hypothesis.
- b) it's an old belief that is not accepted anymore.
- c) it was a rumour that occurred in 1970.
- d) Hitler has been alive since 1970.

Questão 04 (Escola Naval/2018) -

Which option completes the sentence below correctly?

Greg _____ and _____ his leg while he _____ in Bariloche.

- (A) felt / has broken / was skiing
- (B) felt / had broken / had been skiing
- (C) fell / broke / was skiing
- (D) fell / has broken / had been skiing
- (E) felt / broken / was skiing

Questão 05 (Escola Naval/2018)

Which question word completes the dialogue correctly?

Peter: _____ wasn't Mary at work yesterday?
Jane: She was ill.

- (A) When
- (B) Where
- (C) Who
- (D) Why
- (E) Which



TEXT (EAM/2019) para questões 06 e 07

There's nowhere like Scotland. Scotland is a country in a country. It is part of Great Britain (England, Scotland and Wales), and of the United Kingdom (England, Scotland, Wales and Northern Ireland). Scotland is in the far northwest of Europe, between the Atlantic Ocean and the North Sea. It is often cold and grey, and it often rains a lot. But the people of Scotland love their country, and many visitors to Scotland love it too. They love the beautiful hills and mountains of the north, the sea and the eight hundred islands, and the six cities: Edinburgh, Glasgow, Aberdeen, Dundee, Inverness and Stirling. The country is special, and Scottish people are special too: often warm and friendly. There are about five million people in Scotland. Most Scots live in the south, in or near the big cities of Edinburgh and Glasgow. Most of the north of the country is very empty; not many people live there. A Scottish person is also called a Scot, but you cannot talk about a Scotch person: Scotch means whisky, a drink made in Scotland. Scottish people are British, because Scotland is part of Great Britain, but you must not call Scottish people English! The Scots and the English are different. These days everyone in Scotland speaks English. But, at one time, people in the north and west of Scotland did not speak English. They had a different language, a beautiful language called Gaelic. About 60,000 people, 1% of the people in Scotland, speak Gaelic now. But many more want Gaelic in their lives because it is part of the story of Scotland.

Adapted from: FLINDERS, S. Factfiles Scotland. OUP, 2010.

Questão 06 - Say if the following statements are T (TRUE) or F (FALSE) about Scotland. Then, mark the correct option, from top to bottom.

- () It is part of Great Britain but not of the United Kingdom.
- () It is located between the Atlantic Ocean and the North Sea.
- () The weather there is usually cold, grey, and rainy.
- () There are 80 islands in the country.
- () Tourists can see hills, mountains and the sea there.

- (A) (F) (T) (F) (T) (T)
- (B) (T) (F) (T) (F) (F)
- (C) (F) (T) (T) (T) (T)
- (D) (F) (T) (T) (F) (T)
- (E) (T) (F) (F) (T) (F)



Questão 07 (EAM/2019) - About Scotland's people/population, it is correct to say that

- (A) they are often friendly and kind.
- (B) most of them live in the north.
- (C) they are also called Scotch.
- (D) they do not speak English.
- (E) nobody speaks Gaelic anymore.

Questão 08 (EFOMM/201) -

In lines 53-55: "Locals in Raja Ampat say that **besides** the damage to the reef, the accident has also put a major strain on the local economy (...)", the word in bold is closest in meaning to

- (a) as soon as
- (b) instead of
- (c) in spite of
- (d) as long as
- (e) as well as

Questão 09 (EAM/2018) Para questões 09 e 10

Look at the picture below.



What are they doing in the picture?

- (A) The children play basketball every day.
- (B) They are playing basketball now.
- (C) The boys didn't play basketball yesterday.
- (D) They never play basketball together.
- (E) The boy and the girl won't play basketball.



Questão 10 (EAM/2018 adaptada) About the picture, it is correct to say that

(A) they are practicing a sport that everybody can play if they want.

(B) basketball is played by only two people at the same time.

(C) they should play in a different place to not disturb anybody.

(D) they do play all weekends.

(E) they play and talk at the same time.



18. Gabarito

-
- 1 – C 08 – E
2 – B 09 – B
3 – A 10 – A
4 – C
5 – D
6 – D
7 – A



19. Exercícios respondidos e comentados

Leia o texto a seguir e responda à questão 01 (ESPECEX/2019)

Teaching English in the Brazilian countryside

“In Brazil, countryside youth want to learn about new places, new cultures and people. However, **they** think their everyday lives are an obstacle to that, because they imagine that country life has nothing to do with other parts of the world”, says Rafael Fonseca. Rafael teaches English in a language school in a cooperative coffee cultivation in Paraguaçu. **His** learners are the children of rural workers.

Rafael tells **us** that the objective of the project being developed in the cooperative is to give the young people more opportunities of growth in the countryside, and that includes the ability to communicate with international buyers. “In the future, our project may help overcome the lack of succession in countryside activities because, nowadays, rural workers’ children become lawyers, engineers, teachers, and sometimes even doctors, but those children very rarely want to have a profession related to rural work”, says Rafael.

“That happens”, he adds, “because their parents understand that life in the countryside can be hard work and they do not want to see **their** children running the same type of life that they have. Their children also believe that life in the country does not allow **them** to have contact with other parts of the world, meet other people and improve cultural bounds. The program intends to show them that by means of a second language they can travel, communicate with new people and learn about new cultures as a means of promoting and selling what they produce in the country, and that includes receiving visitors in their workplace from abroad.”

Rafael’s strategy is to contextualize the English language and keep learners up-to-date with what happens in the global market. “Integrating relevant topics about countryside living can be transformative in the classroom. The local regional and cultural aspects are a great source of inspiration and learning not only for the young, but for us all.”

Adapted from <http://www.cambridge.org/elt/blog/2019/01/21/teaching-english-in-the-brazilian-classroom/>



Questão 01 – In the sentence “... our project may help overcome the lack of succession in countryside activities...” (paragraph 2), the word overcome means

- [A] increase a problem.
- [B] hide a problem.
- [D] start a problem.
- [C] control a problem.
- [E] neglect a problem.

Comentários:

A alternativa A está incorreta. Ao ler o texto, percebemos que a sucessão das atividades do campo/rurais é um problema. O projeto do professor de inglês se propõe a ajudar a resolver esse problema. “Increase a problem” significa aumentar/agravar um problema. O verbo usado é o contrário do contexto explicado acima, onde o professor quer resolver essa questão.

A alternativa B está incorreta. Ao ler o texto, percebemos que a sucessão das atividades do campo/rurais é um problema. O projeto do professor de inglês se propõe a ajudar a resolver esse problema. “Hide a problem” significa esconder um problema. O verbo usado é o contrário do contexto explicado acima, onde o professor quer resolver essa questão.

A alternativa C está correta. “Control” teria significado parecido neste contexto, já que resolver o problema, nesse caso, envolve controlar a falta de sucessão nas atividades rurais.

A alternativa D está incorreta. Ao ler o texto, percebemos que a sucessão das atividades do campo/rurais é um problema. O projeto do professor de inglês se propõe a ajudar a resolver esse problema. “Start a problem” significa começar um problema. O verbo usado é o contrário do contexto explicado acima, onde o professor quer resolver essa questão.

A alternativa E está incorreta. Ao ler o texto, percebemos que a sucessão das atividades do campo/rurais é um problema. O projeto do professor de inglês se propõe a ajudar a resolver esse problema. “Neglect a problem” significa negligenciar um problema. Isso é o contrário do contexto explicado acima, onde o professor quer resolver essa questão.



AFA/2017

TEXT: Howard Gardner: 'Multiple intelligences' are not 'learning styles' by Valerie Strauss

The fields of psychology and education were revolutionized 30 years ago when we now worldrenowned psychologist Howard Gardner published his 1983 book *Frames of Mind: The Theory of Multiple Intelligences*, which detailed a new model of human intelligence that went beyond the traditional view that there was a single kind that could be measured by standardized tests.

Gardner's theory initially listed seven intelligences which work together: linguistic, logical-mathematical, musical, bodily-kinesthetic, interpersonal and intrapersonal; he later added an eighth, naturalist intelligence and says there may be a few more. The theory became highly popular with K-12¹ educators around the world seeking ways to reach students who did not respond to traditional approaches, but over time, 'multiple intelligences' somehow became synonymous with the concept of 'learning styles'. In this important post, Gardner explains why the former is not the latter.

It's been 30 years since I developed the notion of 'multiple intelligences'. I have been gratified by the interest shown in this idea and the ways it's been used in schools, museums, and business around the world. But one unanticipated consequence has driven me to distraction and that's the tendency of many people, including persons whom I cherish, to credit me with the notion of 'learning styles' or to collapse 'multiple intelligences' with 'learning styles'. It's high time to relieve my pain and to set the record straight.

First a word about 'MI theory'. On the basis of research in several disciplines, including the study of how human capacities are represented in the brain, I developed the idea that each of us has a number of relatively independent mental faculties, which can be termed our 'multiple intelligences'. The basic idea is simplicity itself. A belief in a single intelligence assumes that we have one central, all-purpose computer, and it determines how well we perform in every sector of life. In contrast, a belief in multiple intelligences assumes that human beings have 7 to 10 distinct intelligences.

Even before I spoke and wrote about 'MI', the term 'learning styles' was being bandied about in educational circles. The idea, reasonable enough on the surface, is that all children (indeed all of us) have distinctive minds and personalities. Accordingly, it makes sense to find out about learners and to teach and nurture them in ways that are appropriate, that they value, and above all, are effective.



Two problems: first, the notion of 'learning styles' is itself not coherent. Those who use this term do not define the criteria for a style, nor where styles come from, how they are recognized/assessed/ exploited. Say that Johnny is said to have a learning style that is 'impulsive'. Does that mean that Johnny is 'impulsive' about everything? How do we know this? What does this imply about teaching? Should we teach 'impulsively', or should we compensate by 'teaching reflectively'? What of learning style is 'right-brained' or visual or tactile? Same issues apply.

Problem #2: when researchers have tried to identify learning styles, teach consistently with those styles, and examine outcomes, there is not persuasive evidence that the learning style analysis produces more effective outcomes than a 'one size fits all approach'. Of course, the learning style analysis might have been inadequate. Or even if it is on the mark, the fact that one intervention did not work does not mean that the concept of learning styles is fatally imperfect; another intervention might have proved effective. Absence of evidence does not prove non-existence of a phenomenon; it signals to educational researchers: 'back to the drawing boards'.

Here's my considered judgment about the best way to analyze this lexical terrain: Intelligence: We all have the multiple intelligences. But we signed out, as a strong intelligence, an area where the person has considerable computational power. Style or learning style: A hypothesis of how an individual approach the range of materials. If an individual has a 'reflective style', he/she is hypothesized to be reflective about the full range of materials. We cannot assume that reflectiveness in writing necessarily signals reflectiveness in one's interaction with the others.

Senses: Sometimes people speak about a 'visual' learner or an 'auditory' learner. The implication is that some people learn through their eyes, others through their ears. This notion is incoherent. Both spatial information and reading occur with the eyes, but they make use of entirely different cognitive faculties. What matters is the power of the mental computer, the intelligence that acts upon that sensory information once picked up.

These distinctions are consequential. If people want to talk about 'an impulsive style' or a 'visual learner', that's their prerogative. But they should recognize that these labels may be unhelpful, at best, and ill-conceived at worst.

In contrast, there is strong evidence that human beings have a range of intelligences and that strength (or weakness) in one intelligence does not predict strength (or weakness) in any other intelligences. All of us exhibit jagged profiles of intelligences. There are common sense ways of assessing our own intelligences, and even if it seems appropriate, we can take a more formal test battery. And then, as teachers, parents, or self assessors, we can decide how best to make use of this information.

(Adapted from <https://www.washingtonpost.com/news/answer-sheet>)



Questão 02 (AFA/2017) - The text

- a) aims at highlighting distinctive mind barriers related to learning.
- b) provides the reader with a bird's-eye-view of Gardner's landmark publication.
- c) develops a considerable set of psychological and mental implications.
- d) concerns about spending 30 years to measure people's intelligence.

Comentários:

Na letra **A**, há um erro ao afirmar que o texto tem como objetivo (o verbo aims indica objetivo) destacar (highlight) diferentes barreiras mentais relacionadas ao aprendizado (aims at highlighting distinctive mind barriers related to learning.) Na realidade, o texto foca no trabalho de Howard Gardner.

A letra **B** representa exatamente a ideia do texto: provides the reader with a bird's-eye-view of Gardner's landmark publication. Ele fornece (provides) ao leitor uma visão geral da publicação de Gardner. Alternativa correta.

A alternativa **C** erra ao dizer que o texto desenvolve implicações mentais e psicológicas: develops a considerable set of psychological and mental implications. Na verdade, o texto trata da diferença entre múltiplas inteligências (multiple intelligences) e estilos de aprendizado (learning styles).

A alternativa **D** está incorreta porque diz que há preocupações (concerns) pelo fato de serem necessários 30 anos para medir a inteligência de alguém: concerns about spending 30 years to measure people's intelligence. Na realidade, o trabalho de Gardner foi publicado aproximadamente 30 anos atrás. Portanto, o texto relaciona "30 anos" com a publicação do trabalho de Gardner, e não com o tempo de mensuração da inteligência.

Questão 03 (EPCAR/2018)

The sentence "Hitler is still alive rumours have circulated since the 1970s" (line 57 and 58) means that

- a) some people still consider this hypothesis.
- b) it's an old belief that is not accepted anymore.
- c) it was a rumour that occurred in 1970.
- d) Hitler has been alive since 1970.



Comentários:

A frase “Rumores de que Hitler ainda está vivo circulam desde os anos de 1970” significa que:

Na letra **A**, “algumas pessoas ainda consideram essa hipótese” está correto. Se ainda há rumores sobre Hitler estar vivo desde 1970, é porque algumas pessoas ainda acreditam nisso. Alternativa correta.

Na letra **B**, “é uma crença antiga que não é mais aceita” é incorreto. Os rumores ocorrem desde os anos 70, portanto, muitos ainda acreditam nele. Alternativa incorreta.

Na letra **C**, “foi um rumor ocorrido em 1970” é incorreto. Os rumores vêm circulando desde 1970, não apenas em 1970. Alternativa incorreta.

Na letra **D**, “Hitler está vivo desde 1970” é incorreto. Segundo o trecho, são **rumores** que circulam desde 1970 que afirmam que Hitler ainda vive. Alternativa incorreta.

Questão 04 (Escola Naval/2018) -

Which option completes the sentence below correctly?

Greg _____ and _____ his leg while he _____ in Bariloche.

- (A) felt / has broken / was skiing
- (B) felt / had broken / had been skiing
- (C) fell / broke / was skiing
- (D) fell / has broken / had been skiing
- (E) felt / broken / was skiing

Comentários:

“Greg [...] e [...] a sua perna enquanto [...] em Bariloche”.

Na letra **A**, felt (sentiu) já causa uma certa estranheza ao contexto. “Greg **sentiu** e quebrou a sua perna enquanto estava esquiando em Bariloche” – além disso, has broken não se encaixa neste contexto, pois se trata de uma ação que não tem impacto no presente, ela aconteceu apenas em um determinado momento. Alternativa incorreta.

Na letra **B**, felt (sentiu) já causa uma certa estranheza ao contexto. “Greg **sentiu** e **tinha quebrado** a sua perna enquanto **tem esquiado** em Bariloche” – as ações não condizem com uma única linha temporal, então nenhum sentido é estabelecido. Alternativa incorreta.



Na letra **C**, “Greg **caiu** e **quebrou** a sua perna enquanto **estava esquiando** em Bariloche” estabelece uma única linha temporal nos acontecimentos, por isso, apenas o *simple past* é usado. Alternativa **correta**.

Na letra **D**, *fell* (caiu) está correto, mas *has broken* e *had been skiing*, como visto nas alternativas A e B, não se encaixam neste contexto. Alternativa incorreta.

Na letra **E**, *felt* (sentiu) já causa uma certa estranheza ao contexto. “Greg **sentiu** e quebrado a sua perna enquanto estava esquiando em Bariloche” – além disso, *broken* (quebrado) não se encaixa neste contexto. Alternativa incorreta.

Questão 05 (Escola Naval/2018) -

Which question word completes the dialogue correctly?

Peter: _____ wasn't Mary at work yesterday?
Jane: She was ill.

- (A) When
- (B) Where
- (C) Who
- (D) Why
- (E) Which

Comentários:

Peter: [...] a Mary não estava no trabalho ontem?

Jane: Ela estava doente.

Na letra **A**, “Quando” é incorreto. “**Quando** a Mary não estava no trabalho **ontem?**” não estabelece um sentido na própria frase ou no diálogo. Alternativa incorreta.

Na letra **B**, “Onde” é incorreto. “**Onde** a Mary não estava **no trabalho** ontem?” não estabelece um sentido na própria frase ou no diálogo. Alternativa incorreta.

Na letra **C**, “Quem” é incorreto. “**Quem** a **Mary** não estava no trabalho ontem?” não estabelece um sentido na própria frase ou no diálogo. Alternativa incorreta.

Na letra **D**, “Por que” está correto. “**Por que** a Mary não estava no trabalho ontem?”, “Ela estava doente” – por mais que a resposta não comece com “*Because*” (Porque), a justificativa corresponde à pergunta de Peter. Alternativa **correta**.

Na letra **E**, “Qual” é incorreto. “**Qual** a Mary não estava no trabalho ontem?” não estabelece um sentido na própria frase ou no diálogo. Alternativa incorreta.

TEXT (EAM/2019) para questões 06 e 07



There's nowhere like Scotland. Scotland is a country in a country. It is part of Great Britain (England, Scotland and Wales), and of the United Kingdom (England, Scotland, Wales and Northern Ireland). Scotland is in the far northwest of Europe, between the Atlantic Ocean and the North Sea. It is often cold and grey, and it often rains a lot. But the people of Scotland love their country, and many visitors to Scotland love it too. They love the beautiful hills and mountains of the north, the sea and the eight hundred islands, and the six cities: Edinburgh, Glasgow, Aberdeen, Dundee, Inverness and Stirling. The country is special, and Scottish people are special too: often warm and friendly. There are about five million people in Scotland. Most Scots live in the south, in or near the big cities of Edinburgh and Glasgow. Most of the north of the country is very empty; not many people live there. A Scottish person is also called a Scot, but you cannot talk about a Scotch person: Scotch means whisky, a drink made in Scotland. Scottish people are British, because Scotland is part of Great Britain, but you must not call Scottish people English! The Scots and the English are different. These days everyone in Scotland speaks English. But, at one time, people in the north and west of Scotland did not speak English. They had a different language, a beautiful language called Gaelic. About 60,000 people, 1% of the people in Scotland, speak Gaelic now. But many more want Gaelic in their lives because it is part of the story of Scotland.

Adapted from: FLINDERS, S. Factfiles Scotland. OUP, 2010.

Questão 06 - Say if the following statements are T (TRUE) or F (FALSE) about Scotland. Then, mark the correct option, from top to bottom.

- () It is part of Great Britain but not of the United Kingdom.
- () It is located between the Atlantic Ocean and the North Sea.
- () The weather there is usually cold, grey, and rainy.
- () There are 80 islands in the country.
- () Tourists can see hills, mountains and the sea there.

- (A) (F) (T) (F) (T) (T)
- (B) (T) (F) (T) (F) (F)
- (C) (F) (T) (T) (T) (T)
- (D) (F) (T) (T) (F) (T)
- (E) (T) (F) (F) (T) (F)

Comentários:



A primeira afirmativa é falsa. A Escócia é parte da Grã-Bretanha e também é parte do Reino Unido. "It is part of Great Britain (England, Scotland and Wales), and of the United Kingdom (England, Scotland, Wales and Northern Ireland)."

A segunda afirmativa é verdadeira. O texto diz que o país fica na região noroeste da Europa e que fica entre o oceano atlântico e o mar do norte. "Scotland is in the far northwest of Europe, between the Atlantic Ocean and the North Sea."

A Terceira afirmativa é verdadeira. O texto confirma a informação de que a Escócia é normalmente fria, cinzenta e chuvosa. "It is often cold and grey, and it often rains a lot". A palavra "often" expressa a ideia de que algo acontece com frequência.

A quarta afirmativa é falsa. O texto diz que há 800 ilhas na Escócia, e não 80. "the eight hundred islands". Este trecho evidencia isso.

A quinta afirmativa é verdadeira. "They love the beautiful hills and mountains of the north, the sea...". Este trecho diz que turistas e habitantes adoram as colinas e montanhas do norte, o mar...

Temos, então, a sequência: F / T / T / F / T

A alternativa correta é a letra **D**.

Questão 07 (EAM/2019) - About Scotland's people/population, it is correct to say that

- (A) they are often friendly and kind.
- (B) most of them live in the north.
- (C) they are also called Scotch.
- (D) they do not speak English.
- (E) nobody speaks Gaelic anymore.

Comentários:

A alternativa A está **correta**. "Scottish people are special too: often warm and friendly". Este trecho confirma que as pessoas escocesas são amigáveis e gentis.

A alternativa B está incorreta. O texto diz que a maioria das pessoas vivem no sul do país, sendo o norte do país bem vazio. ". Most Scots live in the south, in or near the big cities of Edinburgh and Glasgow. Most of the north of the country is very empty".

A alternativa C está incorreta. Não se deve chamar um escocês de scotch, pois essa palavra significa whisky, que é uma bebida típica da Escócia. "you cannot talk about a Scotch person: Scotch means whisky".



A alternativa **D** está incorreta. O texto diz que todos falam inglês na Escócia, hoje em dia. “These days everyone in Scotland speaks English”.

A alternativa E está incorreta. Aproximadamente 60.000 pessoas, ou 1% da população, ainda fala Gaélico. “About 60,000 people, 1% of the people in Scotland, speak Gaelic now”.

Questão 08 (EFOMM/201) -

In lines 53-55: “Locals in Raja Ampat say that **besides** the damage to the reef, the accident has also put a major strain on the local economy (...).”, the word in bold is closest in meaning to

- (a) as soon as
- (b) instead of
- (c) in spite of
- (d) as long as
- (e) as well as

Comentários:

“Locais em Raja Ampat dizem que **além** do dano ao recife, o acidente também exerceu uma grande sobrecarga na economia local”. A palavra em negrito tem o sentido similar a

Na letra **A**, “logo que” é incorreto. Essa expressão não corresponde a um sinônimo de *besides* (além de), pois não indica adição. Alternativa incorreta.

Na letra **B**, “ao invés de” é incorreto. Essa expressão não corresponde a um sinônimo de *besides* (além de), pois não indica adição. Alternativa incorreta.

Na letra **C**, “apesar de” é incorreto. Essa expressão não corresponde a um sinônimo de *besides* (além de), pois não indica adição, mas concessão. Alternativa incorreta.

Na letra **D**, “desde que” é incorreto. Essa expressão não corresponde a um sinônimo de *besides* (além de), pois não indica adição, mas condição. Alternativa incorreta.

Na letra **E**, “assim como” está correto. A expressão corresponde ao mesmo significado de *besides* (além de), pois ambos indicam adição. “Locais em Raja Ampat dizem que **assim como** o dano ao recife, o acidente também exerceu uma grande sobrecarga na economia local”. **Alternativa correta.**

Questão 09 (EAM/2018) Para questões 09 e 10



Look at the picture below.



What are they doing in the picture?

- (A) The children play basketball every day.
- (B) They are playing basketball now.
- (C) The boys didn't play basketball yesterday.
- (D) They never play basketball together.
- (E) The boy and the girl won't play basketball.

Comentários:

O que eles estão fazendo na figura?

Na letra **A**, “As crianças jogam basquete todo dia” é incorreto. O enunciado faz a pergunta no gerúndio utilizando *-ing* (*What are they **doing***), portanto, a resposta deve ser equivalente, e indicar uma ação que está sendo realizada. Não se trata do que as crianças fazem todos os dias, mas do que elas estão fazendo naquele momento. Alternativa incorreta.

Na letra **B**, “Eles estão jogando basquete agora” está correto. O enunciado faz a pergunta no gerúndio utilizando *-ing* (*What are they **doing***), portanto, a resposta deve ser equivalente, e indicar uma ação que está sendo realizada. “*They are playing basketball now*” (Eles estão jogando basquete agora) indica não só uma ação constante no presente (*present continuous*), como também atende ao contexto da imagem. **Alternativa correta.**

Na letra **C**, “Os garotos não jogaram basquete ontem” é incorreto. O enunciado faz a pergunta no gerúndio utilizando *-ing* (*What are they **doing***), portanto, a resposta deve ser equivalente, e indicar uma ação que está sendo realizada. A frase no passado não corresponde à pergunta feita no enunciado, e em relação à figura, não há apenas garotos. Alternativa incorreta.

Na letra **D**, “Eles nunca jogam basquete juntos” é incorreto. O enunciado faz a pergunta no gerúndio utilizando *-ing* (*What are they **doing***), portanto, a resposta deve ser equivalente, e indicar uma ação que está sendo realizada. A resposta no presente não corresponde à pergunta feita no enunciado, nem condiz com a figura. Alternativa incorreta.



Na letra **E**, “O garoto e a garota não jogarão basquete” é incorreto. O enunciado faz a pergunta no gerúndio utilizando *-ing* (*What are they doing*), portanto, a resposta deve ser equivalente, e indicar uma ação que está sendo realizada. Uma resposta no futuro (*future tense*) não corresponde à pergunta feita no enunciado, nem condiz com a figura. Alternativa incorreta.

Questão 10 (EAM/2018) About the picture, it is correct to say that

- (A) they are practicing a sport that everybody can play if they want.
- (B) basketball is played by only two people at the same time.
- (C) they should play in a different place to not disturb anybody.
- (D) they do play all weekends.
- (E) they play and talk at the same time.

Comentários:

Na letra **A**, há a afirmação de que eles estão praticando um esporte que todos podem jogar se quiser. Pode ser a alternativa correta, já que é, de fato, um esporte que qualquer pessoa pode jogar se quiser mas, vamos analisar as outras alternativas para verificar se há alguma delas melhor do que a letra A.

Na letra **B**, a palavra “only” faz com que a alternativa esteja errada pois, basquete não é jogado apenas por duas pessoas (only two people) e sim quantas quiserem.

Na letra **C**, diz que eles deveriam jogar em outro lugar para não incomodar as pessoas mas, não há comprovação de que estão incomodando, então, não faz sentido afirmar isso.

Na letra **D**, diz que eles jogam todos os fins de semana e, não há como comprovar isso sem um texto com essa afirmação.

Na letra **E**, diz que eles jogam e conversam ao mesmo tempo. Pode até ser verdade mas, na figura não tem algum “balão” ou característica que determine que há, de fato, uma conversa entre eles. E assim, não podemos fazer tal afirmação.



1. Considerações finais

Concluimos mais uma aula, outro passo até a sua aprovação! Nota-se o progresso nos estudos, o ganho de vocabulário e uma maior tranquilidade para enfrentar os exercícios que surgem. E você vai se acostumando a equilibrar seus estudos de forma sistematizada, estudando cada vez mais e com mais dedicação.



Outro detalhe importante para seu sucesso nos estudos, é continuar fazendo listas de vocabulário das palavras e verbos, principalmente os irregulares, que aparecem em forma de lista em inúmeras fontes de pesquisa.

Isso te ajudará nas questões futuras e torna você, como eu disse antes, um candidato mais bem preparado e confiante para realizar uma excelente prova.

É importante lembrar também do nosso **Fórum de dúvidas**, exclusivo do **Estratégia Concursos**. Será minha forma de responder o que mais você precise saber para que os conteúdos fiquem ainda mais claros.



E, caso queira, acesse minhas redes sociais para aprender mais palavras e contar com dicas importantes, que colaboram diretamente com seus estudos dia após dia.

 @teacherandreabelo

 <https://www.facebook.com/teacherandreabelo>

 Teacher Andrea Belo
<https://www.youtube.com/channel/UCdmVkjUT0kv4jYFNZoGqEtQ>

 andreabelo5



Referências bibliográficas

- BARRETO, Tania Pedroza; GARRIDO, Maria Line; SILVA, João Antenor de C., Inglês Instrumental. Leitura e compreensão de textos. Salvador, Ba UFBA, 1995, p. 64.
- BROWN. H. Douglas. Principles of Language Learning and Teaching. Prentice Hall International, 1988.
- COMPEDELLI, Samira Yousseff. Português, Literatura, Produção de texto & Gramática – São Paulo: Ed. Saraiva, 2002.
- CORREIA, Clese Mary P. Reading Specific Purposes. Salvador/ Ba: UFBA, 1999.
- COSTEIRA, Adriana Araújo de M. Reading Comprehension Skills. João Pessoa/PB: ETEP, 1998.
- CRYSTAL David. Cambridge University Press 1997. The Cambridge Encyclopedia of Language. Cambridge University Press 1997
- FREEMAN. Diane Larsen. MURCIA. Marianne Celce. The Grammar Book, 1999.
- DYE, Joan., FRANFORT, Nancy. Spectrum II, III A Communicative Course in English. USA, Prentice Hall, 1994.
- FAVERO, Maria de Lourdes Albuquerque (org.). Dicionário de educadores no Brasil: da colônia aos dias atuais. Rio de Janeiro : UFRJ, MEC, INEP, 1999.
- FRANKPORT, Nancy & Dye Hoab. Spectrum II, III Prentice Hall Regents Englewood Cliffs, New Jersey, 1994.
- GADELHA, Isabel Maria B. Inglês Instrumental: Leitura, Conscientização e Prática. Teresina: EDUFFI, 2000.
- GUANDALINI, Eiter Otávio. Técnicas de Leitura em Inglês: ESP – English For Specific Purposes: estágio 1. São Paulo: Texto novo, 2002.
- GRELLET, Françoise. Developing Reading Skills. Cambridge University Press, 1995
- HOLAENDER, Arnon & Sanders Sidney. A complete English Course. São Paulo. Ed. Moderna, 1995.
- HUTCHINSON, Tom & WATERS, Alan. English for Specific Purposes. Cambridge: Cambridge University Press, 1996
- KRASHEN. Stephen D. Second Language Acquisition and Second Language Learning, Prentice-Hall International, 1988.
- LAENG, Mauro. Dicionário de pedagogia. Lisboa : Dom Quixote, 1973.
- LEFFA, Vilson J. Metodologia do ensino de línguas. In: BOHN, H.; VANDRESEN, P. (org.). Tópicos de linguística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988. p. 211-231.



- LIBERATO, Wilson. Compact English Book Inglês Ensino Médio. São Paulo: FTD, Vol. Único, 1998
- Mc ARTHUR. The Oxford Companion to the English Language. Oxford University Press 1992
- Fromkin. Victoria. An Introduction to Language
- MARQUES, Amadeu. Inglês Série Brasil. ed. Atica. São Paulo: 2004. Vol. Único.
- MURPHY, Raymond: Essencial Grammar in Use Oxford. New York Ed. Oxford University, 1997.
- OLIVEIRA, Luciano Amaral. English For Tourism Students. Inglês para Estudantes de Turismo: São Paulo, Rocca, 2001.
- OLIVEIRA, Sara Rejane de F. Estratégias de leitura para Inglês Instrumental. Brasília: UNB, 1994.
- QUINTANA, et alli. First Certificate. Master Class Oxfor. New York, 2004: Ed. Oxford University.
- PAULINO, Berenice F. et all. Leitura em textos em Inglês – Uma Abordagem Instrumental. Belo Horizonte: Ed. Dos Autores, 1992.
- PEREIRA, Edilberto Coelho. Inglês Instrumental. Teresina: ETFPI, 1998.
- RODGES, Theodore. Jack C. Richards. Approaches and Methods in Language Teaching. Cambridge University Press, 2001.
- RODMAN Robert. Harcourt Brace 1993. English as a Global Language
- STEWART, B., HAINES S. First Certificate, MasterClass. UK – Oxford 2004.
- SILVA, João Antenor de C., GARRIDO, Maria Lina, BARRETO, Tânia Pedrosa. Inglês Instrumental: Leitura e Compreensão de Textos. Salvador: Centro Editorial e Didático, UFBA. 1994
- SOARES, Moacir Bretãs. Dicionário de legislação do ensino. 19.ed. Rio de Janeiro : FGV, 1981.
- SOUZA, Adriana Srade F. Leitura em Língua Inglesa: Uma abordagem Instrumental. São Paulo: Disal, 2005.
- TUCK, Michael. Oxford Dictionary of Computing for Learners of English. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- TOTIS, Verônica Pakrauskas. Língua Inglesa: leitura. São Paulo: Cortez, 1991.

Livros eletrônicos:

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Editora Objetiva, 2001.

MOURÃO, Janaína Pereira. "Skimming x Scanning"; *Brasil Escola*. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/ingles/skimming-x-scanning.htm>>. Acesso em 20 de março de 2019.

www.newsweek.com - Acesso em 18 de março de 2019.

<http://www.galaor.com.br/tecnicas-de-leitura/> - Acesso em 19 de março de 2019.

Expressões Idiomáticas (continuação)" em *Só Língua Inglesa*. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2008-2019. Consultado em 03/04/2019 às 22:09. Disponível na Internet em <http://www.solinguainglesa.com.br/conteudo/Expressoes5.php>



Traduções

Teaching English in the Brazilian countryside

"In Brazil, countryside youth want to learn about new places, new cultures and people. However, **they** think their everyday lives are an obstacle to that, because they imagine that country life has nothing to do with other parts of the world", says Rafael Fonseca. Rafael teaches English in a language school in a cooperative coffee cultivation in Paraguaçu. **His** learners are the children of rural workers.

Rafael tells **us** that the objective of the project being developed in the cooperative is to give the young people more opportunities of growth in the countryside, and that includes the ability to communicate with international buyers. "In the future, our project may help overcome the lack of succession in countryside activities because, nowadays, rural workers' children become lawyers, engineers, teachers, and sometimes even doctors, but those children very rarely want to have a profession related to rural work", says Rafael.

"That happens", he adds, "because their parents understand that life in the countryside can be hard work and they do not want to see **their** children running the same type of life that they have. Their children also believe that life in the country does not allow **them** to have contact with other parts of the world, meet other people and improve cultural bounds. The program intends to show them that by means of a second language they can travel, communicate with new people and learn about new cultures as a means of promoting and selling what they produce in the country, and that includes receiving visitors in their workplace from abroad."

Rafael's strategy is to contextualize the English language and keep learners up-to-date with what happens in the global market. "Integrating relevant topics about countryside living can be transformative in the classroom. The local regional and cultural aspects are a great source of inspiration and learning not only for the young, but for us all." Ensinando inglês no interior do Brasil.

"No Brasil, os jovens do campo querem aprender sobre novos lugares, novas culturas e pessoas. No entanto, eles acham que sua vida cotidiana é um obstáculo, porque imaginam que a vida no campo não tem nada a ver com outras partes do mundo ", afirma Rafael Fonseca. Rafael ensina inglês em uma escola de idiomas em um cultivo cooperativo de café em Paraguaçu. Seus alunos são filhos de trabalhadores rurais.

Rafael nos diz que o objetivo do projeto que está sendo desenvolvido na cooperativa é dar aos jovens mais oportunidades de crescimento no campo, e isso inclui a capacidade de se comunicar com compradores internacionais. "No futuro, nosso projeto pode ajudar a superar a falta de sucessão nas atividades no campo, porque hoje em dia os filhos dos trabalhadores rurais se tornam advogados, engenheiros, professores e, às vezes, até médicos, mas essas crianças raramente querem ter uma profissão relacionada à área rural. trabalho ", diz Rafael.

"Isso acontece", ele acrescenta, "porque seus pais entendem que a vida no campo pode ser um trabalho árduo e não querem ver seus filhos executando o mesmo tipo de vida que possuem. Seus filhos também acreditam que a vida no país não lhes permite ter contato com outras partes do mundo, conhecer outras pessoas e melhorar os limites culturais. O programa pretende mostrar a eles que, por meio de um segundo idioma, eles podem viajar, se comunicar com novas pessoas e aprender sobre novas culturas como forma de promover e vender o que produzem no país, e isso inclui receber visitantes do exterior no local de trabalho . "

A estratégia de Rafael é contextualizar o idioma inglês e manter os alunos atualizados com o que acontece no mercado global. "A integração de tópicos relevantes sobre a vida no campo pode ser transformadora na sala de aula. Os aspectos regionais e culturais locais são uma grande fonte de inspiração e aprendizado, não apenas para os jovens, mas para todos nós.



TEXT: Howard Gardner: 'Multiple intelligences' are not 'learning styles' by Valerie Strauss

The fields of psychology and education were revolutionized 30 years ago when we now worldrenowned psychologist Howard Gardner published his 1983 book *Frames of Mind: The Theory of Multiple Intelligences*, which detailed a new model of human intelligence that went beyond the traditional view that there was a single kind that could be measured by standardized tests.

Gardner's theory initially listed seven intelligences which work together: linguistic, logical-mathematical, musical, bodily-kinesthetic, interpersonal and intrapersonal; he later added an eighth, naturalist intelligence and says there may be a few more. The theory became highly popular with K-12¹ educators around the world seeking ways to reach students who did not respond to traditional approaches, but over time, 'multiple intelligences' somehow became synonymous with the concept of 'learning styles'. In this important post, Gardner explains why the former is not the latter.

It's been 30 years since I developed the notion of 'multiple intelligences'. I have been gratified by the interest shown in this idea and the ways it's been used in schools, museums, and business around the world. But one unanticipated consequence has driven me to distraction and that's the tendency of many people, including persons whom I cherish, to credit me with the notion of 'learning styles' or to collapse 'multiple intelligences' with 'learning styles'. It's high time to relieve my pain and to set the record straight.

First a word about 'MI theory'. On the basis of research in several disciplines, including the study of how human capacities are represented in the brain, I developed the idea that each of us has a number of relatively independent mental faculties, which can be termed our 'multiple intelligences'. The basic idea is simplicity itself. A belief in a single intelligence assumes that we have one central, all-purpose computer, and it determines how well we perform in every sector of life. In contrast, a belief in multiple intelligences assumes that human beings have 7 to 10 distinct intelligences.

Even before I spoke and wrote about 'MI', the term 'learning styles' was being bandied about in educational circles. The idea, reasonable enough on the surface, is that all children (indeed all of us) have distinctive minds and personalities. Accordingly, it makes sense to find out about learners and to teach and nurture them in ways that are appropriate, that they value, and above all, are effective.



Two problems: first, the notion of 'learning styles' is itself not coherent. Those who use this term do not define the criteria for a style, nor where styles come from, how they are recognized/assessed/ exploited. Say that Johnny is said to have a learning style that is 'impulsive'. Does that mean that Johnny is 'impulsive' about everything? How do we know this? What does this imply about teaching? Should we teach 'impulsively', or should we compensate by 'teaching reflectively'? What of learning style is 'right-brained' or visual or tactile? Same issues apply.

Problem #2: when researchers have tried to identify learning styles, teach consistently with those styles, and examine outcomes, there is not persuasive evidence that the learning style analysis produces more effective outcomes than a 'one size fits all approach'. Of course, the learning style analysis might have been inadequate. Or even if it is on the mark, the fact that one intervention did not work does not mean that the concept of learning styles is fatally imperfect; another intervention might have proved effective. Absence of evidence does not prove non-existence of a phenomenon; it signals to educational researchers: 'back to the drawing boards'.

Here's my considered judgment about the best way to analyze this lexical terrain: Intelligence: We all have the multiple intelligences. But we signed out, as a strong intelligence, an area where the person has considerable computational power. Style or learning style: A hypothesis of how an individual approach the range of materials. If an individual has a 'reflective style', he/she is hypothesized to be reflective about the full range of materials. We cannot assume that reflectiveness in writing necessarily signals reflectiveness in one's interaction with the others.

Senses: Sometimes people speak about a 'visual' learner or an 'auditory' learner. The implication is that some people learn through their eyes, others through their ears. This notion is incoherent. Both spatial information and reading occur with the eyes, but they make use of entirely different cognitive faculties. What matters is the power of the mental computer, the intelligence that acts upon that sensory information once picked up.

These distinctions are consequential. If people want to talk about 'an impulsive style' or a 'visual learner', that's their prerogative. But they should recognize that these labels may be unhelpful, at best, and ill-conceived at worst.

In contrast, there is strong evidence that human beings have a range of intelligences and that strength (or weakness) in one intelligence does not predict strength (or weakness) in any other intelligences. All of us exhibit jagged profiles of intelligences. There are common sense ways of assessing our own intelligences, and even if it seems appropriate, we can take a more formal test battery. And then, as teachers, parents, or self assessors, we can decide how best to make use of this information.

(Adapted from <https://www.washingtonpost.com/news/answer-sheet>)



TEXTO: Howard Gardner:

'Múltiplas inteligências' não são 'estilos de aprendizagem' de Valerie Strauss

Os campos da psicologia e da educação foram revolucionados há 30 anos, quando agora o psicólogo de renome mundial Howard Gardner publicou seu livro *Frames of Mind: The Theory of Multiple Intelligences*, de 1983, que detalhava um novo modelo de inteligência humana que ia além da visão tradicional de que havia um tipo único que pode ser medido por testes padronizados.

A teoria de Gardner listou inicialmente sete inteligências que trabalham juntas: linguística, lógico-matemática, musical, cinestésica, interpessoal e intrapessoal; mais tarde, ele acrescentou uma oitava inteligência naturalista e diz que pode haver mais algumas. A teoria se tornou muito popular entre os educadores de ensino fundamental e médio do mundo todo, buscando maneiras de alcançar os alunos que não responderam às abordagens tradicionais, mas com o tempo, 'inteligências múltiplas' de alguma forma tornaram-se sinônimos do conceito de 'estilos de aprendizagem'. Neste importante post, Gardner explica por que o primeiro não é o último.

Faz 30 anos que desenvolvi a noção de 'inteligências múltiplas'. Fiquei satisfeito com o interesse demonstrado nessa idéia e com a maneira como ela foi usada em escolas, museus e negócios em todo o mundo. Mas uma consequência imprevista me levou à distração e essa é a tendência de muitas pessoas, incluindo pessoas que eu aprecio, de me creditar com a noção de 'estilos de aprendizagem' ou de colapsar 'inteligências múltiplas' com 'estilos de aprendizagem'. É hora de aliviar minha dor e esclarecer as coisas.

Primeiro uma palavra sobre a "teoria do MI". Com base em pesquisas em várias disciplinas, incluindo o estudo de como as capacidades humanas são representadas no cérebro, desenvolvi a ideia de que cada um de nós tem várias faculdades mentais relativamente independentes, que podem ser denominadas nossas 'inteligências múltiplas'. A idéia básica é a própria simplicidade. A crença em uma única inteligência pressupõe que temos um computador central para todos os fins e determina o desempenho de todos os setores da vida. Em contraste, uma crença em múltiplas inteligências pressupõe que os seres humanos tenham 7 a 10 inteligências distintas.

Mesmo antes de falar e escrever sobre "MI", o termo "estilos de aprendizagem" estava sendo usado nos círculos educacionais. A idéia, suficientemente razoável na superfície, é que todas as crianças (de fato todos nós) tenham mentes e personalidades distintas. Consequentemente, faz sentido descobrir sobre os alunos e ensiná-los e alimentá-los de maneiras apropriadas, que valorizem e, acima de tudo, sejam eficazes.



Dois problemas: primeiro, a noção de "estilos de aprendizagem" não é coerente. Aqueles que usam esse termo não definem os critérios para um estilo, nem de onde vêm os estilos, como são reconhecidos / avaliados / explorados. Diga que se diz que Johnny tem um estilo de aprendizado "impulsivo". Isso significa que Johnny é "impulsivo" em relação a tudo? Como nós sabemos disso? O que isso implica no ensino? Devemos ensinar 'impulsivamente' ou devemos compensar 'ensinando de forma reflexiva'? Qual o estilo de aprendizagem é "cérebro direito" ou visual ou tátil? Os mesmos problemas se aplicam.

Problema # 2: quando os pesquisadores tentam identificar estilos de aprendizagem, ensinar consistentemente com esses estilos e examinar os resultados, não há evidências convincentes de que a análise do estilo de aprendizagem produza resultados mais efetivos do que uma abordagem de "tamanho único". Obviamente, a análise do estilo de aprendizagem pode ter sido inadequada. Ou mesmo se estiver certo, o fato de uma intervenção não funcionar não significa que o conceito de estilos de aprendizagem seja fatalmente imperfeito; outra intervenção pode ter se mostrado eficaz. Ausência de evidência não prova a inexistência de um fenômeno; sinaliza para os pesquisadores educacionais: "de volta às pranchetas".

Aqui está o meu julgamento considerado sobre a melhor maneira de analisar esse terreno lexical: Inteligência: todos nós temos múltiplas inteligências. Mas assinamos, como uma inteligência forte, uma área em que a pessoa tem um poder computacional considerável. Estilo ou estilo de aprendizagem: Uma hipótese de como um indivíduo aborda a variedade de materiais. Se um indivíduo tem um "estilo reflexivo", é provável que ele reflita sobre toda a gama de materiais. Não podemos assumir que a refletividade na escrita necessariamente sinaliza reflexividade na interação de uma pessoa com as outras.

Sentidos: às vezes as pessoas falam sobre um aluno 'visual' ou 'auditivo'. A implicação é que algumas pessoas aprendem com seus olhos, outras através de seus ouvidos. Essa noção é incoerente. Tanto a informação espacial quanto a leitura ocorrem com os olhos, mas fazem uso de faculdades cognitivas inteiramente diferentes. O que importa é o poder do computador mental, a inteligência que age sobre essas informações sensoriais, uma vez captadas.

Essas distinções são consequenciais. Se as pessoas querem falar sobre 'um estilo impulsivo' ou um 'aprendiz visual', essa é uma prerrogativa deles. Mas eles devem reconhecer que esses rótulos podem ser inúteis, na melhor das hipóteses, e mal concebidos na pior.

Por outro lado, há fortes evidências de que os seres humanos têm uma gama de inteligências e que a força (ou fraqueza) em uma inteligência não prediz força (ou fraqueza) em outras inteligências. Todos nós exibimos perfis irregulares de inteligências. Existem maneiras de senso comum de avaliar nossas próprias inteligências e, mesmo que pareça apropriado, podemos fazer uma bateria de teste mais formal. E então, como professores, pais ou auto avaliadores, podemos decidir a melhor forma de usar essas informações.



There's nowhere like Scotland. Scotland is a country in a country. It is part of Great Britain (England, Scotland and Wales), and of the United Kingdom (England, Scotland, Wales and Northern Ireland). Scotland is in the far northwest of Europe, between the Atlantic Ocean and the North Sea. It is often cold and grey, and it often rains a lot. But the people of Scotland love their country, and many visitors to Scotland love it too. They love the beautiful hills and mountains of the north, the sea and the eight hundred islands, and the six cities: Edinburgh, Glasgow, Aberdeen, Dundee, Inverness and Stirling. The country is special, and Scottish people are special too: often warm and friendly. There are about five million people in Scotland. Most Scots live in the south, in or near the big cities of Edinburgh and Glasgow. Most of the north of the country is very empty; not many people live there. A Scottish person is also called a Scot, but you cannot talk about a Scotch person: Scotch means whisky, a drink made in Scotland. Scottish people are British, because Scotland is part of Great Britain, but you must not call Scottish people English! The Scots and the English are different. These days everyone in Scotland speaks English. But, at one time, people in the north and west of Scotland did not speak English. They had a different language, a beautiful language called Gaelic. About 60,000 people, 1% of the people in Scotland, speak Gaelic now. But many more want Gaelic in their lives because it is part of the story of Scotland.

Não há lugar como a Escócia. A Escócia é um país em um país. Faz parte da Grã-Bretanha (Inglaterra, Escócia e País de Gales) e do Reino Unido (Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte). A Escócia fica no extremo noroeste da Europa, entre o Oceano Atlântico e o Mar do Norte. Geralmente é frio e cinza, e chove muito. Mas o povo da Escócia ama seu país, e muitos visitantes da Escócia também o amam. Eles adoram as belas colinas e montanhas do norte, o mar e as oitocentas ilhas e as seis cidades: Edimburgo, Glasgow, Aberdeen, Dundee, Inverness e Stirling. O país é especial, e o povo escocês também é especial: geralmente caloroso e amigável. Existem cerca de cinco milhões de pessoas na Escócia. A maioria dos escoceses vive no sul ou nas grandes cidades de Edimburgo e Glasgow. A maior parte do norte do país está muito vazia; muitas pessoas não moram lá. Uma pessoa escocesa também é chamada de escocês, mas não se pode falar de um escocês: escocês significa uísque, uma bebida feita na Escócia. O povo escocês é britânico, porque a Escócia faz parte da Grã-Bretanha, mas você não deve chamar o povo escocês de inglês! Os escoceses e os ingleses são diferentes. Hoje em dia, todos na Escócia falam inglês. Mas, ao mesmo tempo, as pessoas no norte e oeste da Escócia não falavam inglês. Eles tinham um idioma diferente, um idioma bonito chamado gaélico. Cerca de 60.000 pessoas, 1% das pessoas na Escócia, falam gaélico agora. Mas muitos mais querem gaélico em suas vidas porque faz parte da história da Escócia.

